



**PRÊMIO PAULO
FREIRE**
DE QUALIDADE DO ENSINO MUNICIPAL



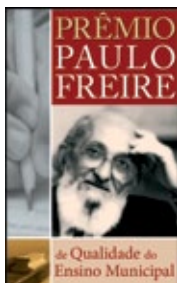
**PROJETOS
PREMIADOS**

2014

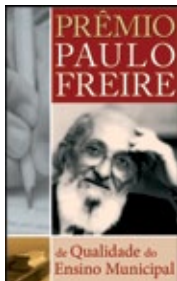


**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



Prêmio Paulo Freire
de Qualidade do Ensino Municipal
PROJETOS PREMIADOS 2014



Os projetos premiados da edição 2014 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.6 e 5.4 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos responsáveis.

Sumário

1º LUGAR

- Abram alas para a cultura popular brasileira.....6

2º LUGAR

- Educação ambiental, atividades físicas e leitura:
fatores de qualidade de vida.....17

3º LUGAR

- Entre Versos Controversos.....25

MENÇÕES HONROSAS:

- África: Contos, Brinquedos e Brincadeiras.....30
- Blog do Maurício.....42
- Entre Rios.....46
- Terrário de Lagartas na Educação Infantil.....50
- Para Além da Alfabetização: Práticas Curriculares Humanizadoras.....54
- Trilhando uma educação pública de qualidade para a infância:
construindo saberes a partir das vivências com diferentes linguagens
e potencializando as dimensões humanas.....67
- De Noel a Racionais: música do morro, heranças negras
e cultura popular em percurso.....79

1º LUGAR

Projeto:

Abram alas para a cultura popular brasileira

Unidade Educacional:

CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo

Responsável:

Meire Regina de Lima

“Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se há um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar”.
(Mia Couto)

RESUMO

Espetáculo teatral, criado a partir da cultura de chegada dos alunos, que apresenta a cultura popular brasileira através das linguagens da Arte (música, dança, teatro, artes visuais), com o objetivo de dar sentido de unidade à escola, unindo alunos, professores, gestores, funcionários e a comunidade no mesmo projeto.

OBJETIVOS

Os objetivos foram definidos em consonância como o Projeto Político Pedagógico da escola e com o plano anual para a disciplina de Arte. São eles:

- Utilizar as linguagens da Arte para criar um espetáculo sobre a Cultura Popular Brasileira, partindo da cultura de chegada dos alunos participantes;
- Através da experiência do processo de criação teatral, unir alunos, professores, gestores, funcionários e comunidade, dando à escola um sentido de unidade;
- Utilizar a linguagem teatral como pretexto para o aluno exercitar a leitura, interpretar e conhecer novos textos;
- Valorizar a cultura e o conhecimento prévio dos alunos;
- Valorizar as diferentes manifestações artísticas presentes na Cultura Popular Brasileira;
- Utilizar a estrutura disponibilizada pela rede municipal para realização do projeto;
- Terminar o ano letivo com a realização de um importante trabalho coletivo, envolvendo toda a comunidade escolar.

DESCRIÇÃO

Quando cheguei ao CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo encontrei uma diversidade no corpo discente que me deixou, por um momento, sem ação. Meus alunos eram adolescentes, adultos, idosos, além de uma quantidade considerável de alunos com deficiência: síndrome de *down*, paralisia cerebral, intelectual e física. Além disso, cada aluno tinha um grau diferente de alfabetização, alguns liam perfeitamente e não tinham dificuldades com os diversos conteúdos, outros mal conheciam as letras do alfabeto. Nas conversas com os gestores e professores, percebi que tais alunos já haviam passado várias vezes pela escola regular e, por diferentes motivos não conseguiam terminar seus estudos, assim, o CIEJA representava sua última chance de finalização do Ensino Fundamental. Essa diversidade em sala de aula era sempre citada como algo muito difícil de se lidar, não apenas para o professor, mas também para os alunos, que acabavam criando algumas resistências pela dificuldade de convivência mútua. Em nossas reuniões pedagógicas discutimos muito sobre como lidar com essas dificuldades, pois sabíamos que, se não trabalhada

cuidadosamente poderia se tornar um complicado fator de evasão. Por esta razão decidi criar um projeto capaz de unir os educandos, respeitando sua diversidade e considerando suas semelhanças. Diante desse desafio, eu sempre me perguntava: como posso, através da Arte, unir essas pessoas? Como posso misturá-los? Como posso dar a eles um sentido de unidade, considerando sua diversidade? Como fazer com que se sintam parte do mesmo grupo? O que eles, de fato, têm em comum, que eu possa usar como ponto de partida? Durante as aulas iniciais, fiz uma sondagem com os alunos para conhecer sua cultura de chegada e, imediatamente, uma característica ficou evidente: a grande maioria dos alunos, apesar de estarem na região Sudeste, era ou tinha ascendentes nas regiões Norte e Nordeste no Brasil, e vinham, predominantemente, dos interiores dessas regiões. Parte deles era do interior de Minas Gerais. Eram comuns relatos saudosos e emocionados de festas populares que eles participavam em suas cidades, ou nas visitas aos parentes. Esse fato levou minha pesquisa para o terreno da cultura popular brasileira, e assim nasceu o espetáculo “Abram alas para acultura popular brasileira”.

Revi a bibliografia que eu conhecia sobre a EJA, e fui em busca de mais informações que pudessem nortear a minha prática diante do novo desafio. O livro que norteou meu trabalho foi “Pedagogia da autonomia”, do mestre Paulo Freire, que alimentou minha vontade de estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e sua experiência individual enquanto sujeitos sociais, e também a necessidade latente de reconhecer e assumir nossa identidade cultural.

Outra dificuldade frequentemente relatada pelos meus colegas professores era a presença dos adolescentes na EJA, um espaço que outrora era apenas dos adultos não alfabetizados na idade ideal, agora dividido com jovens, o que causava alguns conflitos devido à diferença de interesses de cada grupo. Sobre o assunto, encontrei apoio teórico nos artigos de Maria Clara di Pierro, que discutiam o fenômeno da juvenilização da EJA. E vi meus limites como educadora diante da grande quantidade de alunos deficientes. O que fazer? Como agir com eles? Como lidar com tanta diversidade? Eu tinha consciência de que, apesar de eu não ter uma formação específica para lidar com os eles, isso não poderia engessar meu trabalho e me impedir de envolvê-los no projeto. Relembrando a “Pedagogia da autonomia” percebi que eu tinha que assumir os riscos de um trabalho novo e não permitir nenhuma discriminação durante o projeto.

Eu precisava estudar mais e, através das minhas coordenadoras tive acesso ao “RAADI, Referencial Sobre Avaliação da Aprendizagem na Área de Deficiência

Intelectual”, e também ao livro “Diferenças e preconceito na escola - alternativas teóricas e práticas”, organizado por Julio Groppa Aquino. Discutimos textos do colunista Jairo Marques, que escreve semanalmente para o jornal Folha de São Paulo. Jairo é cadeirante, e reflete, em seus textos, sobre o cotidiano dos deficientes.

Em nosso Projeto Político Pedagógico, apontávamos a necessidade de valorizar as identidades individuais e de grupo de nossos alunos. Através das sondagens percebi que todos já conheciam, ainda que superficialmente, manifestações do Boi bumbá e, para o dia 22 de agosto, dia do folclore, fiz a montagem do “Auto do Boi do CIEJA”, cujos registros podem ser vistos no Blog da escola (<http://ciejaccm.blogspot.com.br/>), que fomentou a criação coletiva do espetáculo **“Abram alas para a cultura popular brasileira”**. Nove cenas foram criadas e ensaiadas incansavelmente, envolvendo artes plásticas, teatro, dança e música. A Capoeira foi uma contribuição dos alunos com deficiência, muitos já haviam feito aulas nas oficinas do CEU. As canções de trabalho e as lendas rurais vieram dos diversos relatos de alunos que trabalharam em colheitas. A lenda urbana da Loira do banheiro foi lembrada pelos alunos adolescentes, e o Carimbó, por uma aluna paraense, que aprendera dançar o Carimbó em Belém do Pará. Convidei professores, coordenadores e funcionários: para eles criei uma coreografia ensaiada em segredo até o dia da apresentação. Reencenamos o Auto do Boi do CIEJA e encerramos com uma Apoteose, ao som do samba enredo “É hoje”, de Almir da Ilha. Todos pesquisaram fotos, artigos de revistas, jornais, relatos e muitos participaram de mais de uma cena. Para apoio bibliográfico busquei a Literatura de Cordel de Moreira de Acopiara e de muitos outros cordelistas, a poesia de Patativa do Assaré, o livro “Lendas Brasileiras para Jovens”, de Luis da Câmara Cascudo, os “Contos populares” de Francisco de Assis de Sousa Lima, vídeos e textos dos livros da FUNDAP (Fundação do Desenvolvimento Administrativo), e pesquisas em vários sites.

Definidas as cenas, um complexo cronograma de ensaios foi montado e toda a escola foi mobilizada. As coordenadoras disponibilizaram uma sala para os ensaios, criando um horário especial até o dia da apresentação. Desenhos, pinturas, cordéis, isogravuras criados pelos alunos, bem como objetos sugeridos por eles e até uma legítima rede de pescador, emprestada por um morador da comunidade compuseram nosso cenário. Contamos com o apoio imprescindível do Roupeiro Municipal, que nos forneceu figurinos que engrandeceram nosso espetáculo. Tivemos o privilégio nos apresentar no Teatro do CEU Parque Bristol, com técnicos à nossa disposição, um belo palco, luz e som de excelente qualidade. A comunidade lotou o teatro. A coordenadora geral do CIEJA relatou que naquela noite muitas amarras haviam sido quebra-

das, alunos que nunca participavam de eventos da escola tiveram uma atuação fundamental no processo. Meu objetivo inicial de dar unidade à escola foi vitorioso e evidente. No dia seguinte, quando nos reunimos para assistir ao vídeo do espetáculo e fazer a avaliação final, todos estavam orgulhosos por ter participado de algo tão bonito. Os ganhos no convívio, na tolerância e no sentido de coletividade eram visíveis. A mágica transformadora do teatro havia acontecido, e eu estava muito feliz. A cultura popular como fonte de produção de conhecimento e conservação de nossa identidade ampliou o repertório artístico e cultural dos sujeitos envolvidos, pois nos conhecemos melhor através da identidade cultural do nosso país.

METODOLOGIA

Etapa 1:

Sondagem:

Os alunos foram estimulados a escrever e a conversar livremente sobre seu cotidiano, suas atividades de lazer e seus interesses. O tema cultura popular esteve presente desde o início em seus depoimentos;

Etapa 2:

Definição do tema do projeto:

Através da verificação dos temas que surgiram na sondagem, foi definido o tema “Cultura Popular Brasileira”;

Etapa 3:

Pesquisa sobre a cultura popular brasileira:

Junto com os alunos escolhi temas da cultura brasileira, provenientes das várias regiões do país para serem pesquisados: Literatura de Cordel, xilogravura, Carimbó, Maculelê, Boi bumbá, músicas folclóricas, lendas rurais, lendas urbanas, Maracatu, forró, capoeira. Cada turma ou grupo escolheu um tema e realizou sua pesquisa através da internet, de entrevistas com pessoas da comunidade, com outros professores, jornais e revistas e da própria memória dos alunos. Tais pesquisas foram compartilhadas na sala de aula através da apresentação dos grupos. Ao mesmo tempo, pesquisei vídeos e livros, sobre os assuntos escolhidos para serem exibidos na etapa seguinte;

Etapa 4:

Exibição dos vídeos selecionados com aula expositiva sobre os temas;

Definição dos subtemas do projeto, que dariam origem a cada uma das cenas: Capoeira, Lendas rurais e urbanas, Carimbó, Canções folclóricas e Canções de trabalho, Boi bumbá, Samba.

Todos os alunos realizaram trabalhos de artes plásticas: desenhos, pinturas, isogravuras, posteriormente utilizados para compor nosso cenário.

Etapa 5:

Definidos os temas os alunos escolheram onde gostariam de atuar e os elencos foram formados, iniciamos leitura de mesa dos textos e ensaios das coreografias;

Etapa 6:

Exposição e seleção dos trabalhos realizados durante o processo e montagem do nosso cenário, criação de adereços, ensaios na escola, ensaio geral no teatro;

Etapa 7:

Apresentação do espetáculo para a comunidade no Teatro do CEU Parque Bristol.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

DATA (ANO 2013):	ATIVIDADE:
15 a 31 de julho	- Pesquisa sobre o Boi bumbá - Criação do texto para o Auto do Boi do CIEJA;
01 a 09 de agosto	- Ensaios do Auto do Boi do CIEJA; - Sondagem para definir tema do espetáculo;
22 de agosto	- Apresentação do Auto do Boi do CIEJA no Dia do Folclore;
01 a 13 de setembro	- Pesquisa de livros, vídeos, jornais, revistas e entrevistas;

16 a 30 de setembro	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos grupos de pesquisa; - Exibição dos vídeos pesquisados; - Definição dos temas do espetáculo; - Pesquisa de canções folclóricas e de trabalho; - Leitura de lendas rurais e urbanas;
01 a 31 de outubro	<ul style="list-style-type: none"> - Ensaios de cena; - Ensaio das canções; - Adaptação do texto do Auto do Boi do CIEJA; - Leitura de mesa;
4 a 11 de novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Ensaio de cena; - Ensaio das canções; - Criação da trilha sonora; - Criação dos adereços e figurinos; - Definição do roteiro do espetáculo;
15 a 30 de novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Marcação das cenas; - Confeção do cenário;
28 de novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao roupeiro municipal;
27 de novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Visita técnica ao teatro;
25 a 29 de novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Ensaio de cena; - Ensaio das canções; - Ensaios de cena na escola;
01 e 02 de dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Ensaios de cena no teatro; - Ensaio geral no teatro;
03 de dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação para a comunidade;
04 de dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação coletiva do projeto.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO

No processo de avaliação procurei valorizar nosso percurso, planejando atividades variadas, que integrassem a produção, a apreciação e a contextualização dos conteúdos, sempre levando em conta a diversidade dos trabalhos produzidos pelos alunos.

Todos os trabalhos plásticos produzidos foram primeiramente expostos na escola, para apreciação das outras turmas, já que cada grupo partiu de um tema diferente. Posteriormente, esses trabalhos foram expostos à apreciação do público, pois se tornaram parte do cenário do espetáculo.

Crítérios:

Contextualização:

Um dos critérios que utilizei para avaliar as produções foi verificar se o aluno ou aluna conseguia relacionar, contextualizar seu trabalho com as manifestações da cultura brasileira que havíamos elencado.

Depoimentos:

Escolhi alguns momentos durante o processo em que os alunos redigiam breves depoimentos (protocolos) sobre os assuntos discutidos em aula, sobre os vídeos assistidos, sobre as impressões do público e sobre nossas exposições e apresentações. Esses depoimentos eram lidos para a turma e geraram uma reflexão sobre os temas. Isso foi muito importante para quebrar algumas resistências e preconceitos. O Boi bumbá, por exemplo, foi um tema que gerou certo incômodo nos alunos com orientação evangélica, pois traz o pajé, os orixás e o padre para ressuscitar o boi. O preconceito foi superado após longas discussões sobre a homenagem que o Auto do Boi faz às etnias que deram origem ao povo brasileiro, e após acrescentarmos o personagem do pastor para à mesma cena.

Cadernos de registro:

Os trabalhos criados, como as isogravuras e os depoimentos, por exemplo, foram organizados em um caderno individual de registros do projeto, cada aluno tinha o seu caderno de registro.

Eu também fiz meu próprio “Diário do espetáculo”, no qual relatei minhas práticas durante o projeto e nos ensaios.

Avaliações orais:

Para as atividades que envolviam dança, música e teatro, fiz avaliações em grupo ao final de cada aula/ensaio, momento em que decidíamos mudanças e melhorias no processo.

Avaliação final do processo:

No dia seguinte à apresentação do espetáculo ao público, nos reunimos para assistir ao vídeo do espetáculo e conversarmos sobre os resultados, finalizando o processo de avaliação.

DEPOIMENTOS

“O que nós fizemos aqui eu gostei muito. Eu gostei da dança, do sistema, da brincadeira, dos ensaios. Tudo isso eu gostei porque eu gosto dessas coisas, de fazer amizade, eu gosto de brincar, de conversar. Eu aprendi muita coisa que eu não sabia, eu aprendi através do projeto e através da escola que nós temos aqui, eu gosto muito dos professores, das pessoas, do jeito que tratam a gente aqui. O espetáculo foi muito bom, principalmente lá, no CEU, a apresentação das pessoas. A escola mudou depois do espetáculo, porque a escola tendo coisas diferentes o aluno se interessa mais”.

(Antonio Rufino dos Santos, 72 anos - aluno do módulo II A, em 2013, participou das “Canções de Trabalho”).

“Foi uma experiência muito gratificante, porque a gente viu o desenvolvimento deles. Por exemplo a Geisy (aluna portadora da síndrome de rett), a gente não esperava que ela chegasse a tanto, porque ela anda com dificuldade. Mas, nos ensaios ela mesma se desprendia pra rodar, coisa que não foi pedido para ela. É uma experiência muito boa porque a gente vê que eles têm muito mais facilidade do que a gente espera. Eles tiveram um desenvolvimento melhor, a gente fica com eles durante um longo período e a gente vê até hoje que eles decoraram a música, a dança, foi uma experiência pra eles que eu acho que eles ainda não tinham vivido, então foi algo novo, que marcou. Eu chorei nos ensaios, na apresentação e chorei vendo o vídeo. Depois que eu vim trabalhar aqui eu me apeguei muito com eles, e vê-los se desenvolvendo da maneira que aconteceu foi lindo. O André Yuzo (aluno com síndrome de *down*) na capoeira, não queria no começo, nem participar, quem dirá se apresentar no meio da roda. Foi uma evolução muito grande, porque ele não se envolve com os alunos porque ele não se considera um aluno especial e ele se envolveu a ponto de se apresentar lá na frente, no meio de todo mundo.

Foi muito gratificante, uma experiência totalmente nova, a gente abriu novos horizontes, a gente via eles dentro da sala desenhando e não imaginava que dava pra fazer isso”.

(Viviane Lopes Valente - Auxiliar Técnico de Educação, acompanhou todos os ensaios e a apresentação dos alunos deficientes).

“No que se refere à coreografia ensaiada pelos professores para compor um dos momentos do espetáculo, achei que a proposta colocou os professores para participarem de uma maneira que nos integrou aos alunos e os encorajou a participar também. Eles gostaram muito de ver que nós não só participamos da organização, mas também nos expusemos à plateia, enfrentando as mesmas dificuldades que eles. No que toca à equipe docente, percebi que a coreografia, bem como todo o espetáculo, tornou a equipe mais unida”.

(Ewerton Menezes Fernandes de Souza - professor de linguagens e códigos entre outras coisas, participou da coreografia “No tabuleiro da bahiana”).

“Memórias... Chamamo-las no pensamento, recordando o agosto de 2013 quando a nossa escola esteve inteiramente envolvida na manifestação artística do “Auto do Boi do Cieja” e que devido ao grande sucesso entre os educandos e comunidade e após novas pesquisas e experiências se transformou no espetáculo “Abram alas para a Cultura Popular Brasileira”. A movimentação foi geral em todas as salas de aula... Canto de coral, passos de dança, modelagem e criação do bumba-meu-boi, preparo dos figurinos, encenação das duplas, ornamentação dos instrumentos musicais, desenhos, pinturas, colagem e isogravuras. O corpo docente da escola foi convidado a participar e logicamente não poderíamos deixar de envolver-nos e tudo ocorreu no maior sigilo, pois a coreografia do samba “No tabuleiro da baiana” seria uma surpresa da equipe da escola para nossos educandos.

E o trabalho coletivo foi acontecendo. Existiram tarefas e desafios diferentes para cada um. Em cada lugar há tarefas distintas, embora ao professor além de ensinar caiba a tarefa de estar sempre aprendendo.

No encontro com a Arte enquanto objeto de conhecimento, tivemos a presença de uma educadora sensível, que teve a capacidade de criar situações e de fazer com que nossos jovens e adultos se alfabetizassem em outras diferentes linguagens e assim lembramos o escritor Mia Couto *“Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se há um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar”*.

O espetáculo contribuiu para revelar talentos, habilidades e competências dos alunos como também dos professores e mostrar que todos, mesmo com a nossa grande diversidade, são capazes de se expressar.

(Julia Maria Neri Menezes e Lúcia Pedro Sarkissian - Assistentes Pedagógicas Educacionais)

2º LUGAR

Projeto:

**Educação ambiental, atividades físicas e leitura:
fatores de qualidade de vida**

Unidade Educacional:

EMEI Professora Olandya Peres Ribeiro

Responsáveis:

**Fátima Aparecida de Jesus Teixeira Rizzo,
Wagna Aparecida Pereira Dias Nalini e
Andrea Regina de Carvalho Casanova**

RESUMO

É através do movimento que se interage com o meio ambiente para alcançar objetivos, expressar suas necessidades e manter sua saúde física e mental. As ações desenvolvidas estão interligadas, fazendo parte de um grande projeto voltado à *qualidade de vida* das nossas crianças, sendo inseridas atividades diversificadas visando promover mudanças legítimas de comportamento.

OBJETIVOS

- Estimular nas crianças e em suas famílias, o respeito ecológico, conscientizando-as sobre a importância de suas ações no cuidado com o Meio Ambiente, reconhecendo-se como um indivíduo natural, inserido nesse meio, do qual dependem a sua sobrevivência e a de outras espécies;
- Incentivar a prática de atividades físicas saudáveis na escola e fora da escola com a família, assim como a alimentação saudável, promovendo o bem estar físico e o estreitamento dos laços familiares.

- Divulgar informações e proporcionar acesso a programas de saúde para toda a família;
- Promover a pedagogia da convivência, a paz consigo mesmo, com os outros e com a natureza respeitando a diversidade, desenvolvendo uma cultura de cooperação, incentivando a participação;
- Proporcionar às crianças momentos de bem estar com seus familiares;
- Proporcionar à comunidade escolar um espaço, dentro da escola, de bem estar para leitura, seja ela feita com seus filhos ou na espera da saída/entrada delas;
- Demonstrar, às crianças e à comunidade escolar, o respeito ao meio ambiente, deixando de gerar gradativamente, bilhetes e informativos em papel, fazendo com que a comunicação seja eficaz no meio virtual;
- Promover palestras com profissionais das áreas: esportiva e da saúde para esclarecimentos e dicas de saúde para a comunidade escolar.

METODOLOGIA

O projeto está sendo desenvolvido com base em todos os campos de experiências.

O primeiro campo e mais importante do projeto *experiências voltadas ao conhecimento e cuidado de si, do outro, do mundo*, tem orientações permanentes, onde o professor está em constante diálogo com as crianças e esse campo está diretamente relacionado aos demais campos de experiências:

- Cuidar de si: As crianças assumem ações para o seu bem-estar, cuidados com as necessidades físicas como: Alimentação, higiene, segurança nos ambientes externo e interno, de forma que sua autonomia seja construída sem risco a sua integridade física e psíquica.
- Aprender a relacionar-se: Ampliar a aprendizagem das crianças sobre como interagir com outra criança e com o grupo de crianças de forma mutuamente agradável, respeitosa e amigável, assim como os adultos que o supervisionam, um aprendendo com o outro.
- Saber de si: Processo de autoconhecimento da criança;
- Cuidar do ambiente: A criança ao se perceber parte do meio em que está inserida, deve ter uma formação de hábitos, zelando pelo ambiente e preservando-o, pensando em si e no outro. Com as tecnologias oferecemos

novas formas de cuidar do ambiente, bilhetes e informativos através de e-mail com jornal Gazetinha Olandya e o facebook, evitando impressos.

- Experiências de brincar e imaginar: Ao brincar a criança é espontânea e criativa, faz diversas conexões com o que está vivendo e aprendendo sobre o mundo, assim é garantido o direito delas se comunicarem e interagirem umas com as outras. Ampliar brincadeiras e movimentos possibilitando as experiências positivas.
- Experiências de exploração da linguagem corporal: Respeitar e valorizar as diferentes características corporais e estimular condições lúdicas para a aprendizagem das diferentes dimensões ligadas ao movimento das crianças.
- Experiências de exploração da linguagem verbal: O espaço escolar é um ambiente onde as crianças começam a falar e aprendem as mais diversas formas sociais de comunicação, ampliando seu repertório, expressando ideias, sentimento, desejos e necessidades, nesse sentido serão multiplicadoras de todo processo do projeto, conseguindo contagiar amigos e familiares com suas experiências. As escolhas dos livros de histórias foram pesquisadas para favorecer o projeto e que as crianças refletissem sobre si e o outro, sobre o ambiente, sobre a importância da alimentação e todos os benefícios desse alimento para o corpo e a saúde, sendo assuntos a serem tratados em rodas de conversas.
- Experiências de exploração da natureza e da cultura: O professor assume papel de mediador das relações das crianças com os conhecimentos, desafiar as crianças a pensar com imaginação e desenvolvendo a criatividade demonstra na criança interesses em saber como as coisas são e a função do professor é trazer informações que nutrem a construção do conhecimento da criança, o parque é um espaço vivo, são estimuladas as pequenas explorações da natureza, a valorização dos movimentos e brincadeiras espontâneas.
- Experiências de apropriação do conhecimento matemático: A matemática está presente em todos os lugares e espaços, apropriam-se dos números através de exploração de materiais da natureza como: pedrinhas, sementes, folhas, galhos, flores: comparam e identificam maior número e menor número, uma vez trabalhado dessa forma, virou uma divertida brincadeira entre o grupo que já se organizam-se espontaneamente para separar os materiais. Trabalhando com gráficos com coletas de dados das preferências das crianças: brincadeiras, esportes preferidos, alimentos que mais gostam...

- Experiências com a expressividade das linguagens artística: Ao brincar de desenhar as crianças vão descobrindo novos prazeres e desafios, colaborando para o desenvolvimento de novas percepções.

MOMENTOS DE EXPERIÊNCIA

- Colaboração dos pais com materiais recicláveis; as professoras levam as crianças até o espaço de coleta seletiva para seleção e separação dos materiais sendo separados e colocados os TIPOS de materiais nas CORES dos recipientes corretos:

AZUL - papéis e papelão

VERMELHO - Plástico

VERDE - Vidros

AMARELO - Metais

- *Condomínio Olandya* é um espaço onde as atividades são orientadas, existem três casas confeccionada com garrafas pets, tendo ambientes diversificados: cabeleireiro, mecânica e restaurante, a rua com sinalizações no chão, assim como um semáforo que acende as três fases (vermelho, verde e amarelo) onde as crianças vivenciam momentos de brincadeiras que está diretamente ligado ao seu cotidiano;
- As crianças aprendem a reutilizar materiais confeccionando seus próprios brinquedos;
- As crianças têm contato com elementos da natureza: plantas, gramas, areia, terra, pedras... brincam e exploram esse espaço com entusiasmo e prazer;
- O parque como espaço de movimentos espontâneos e criativos onde se socializam e dividem brincadeiras;
- Sala de aula espaço de diálogo, onde crianças e professora intensificam e colocam em prática o projeto, de forma que todos participem e opinem;
- As turmas se dividem para desenvolverem diversas atividades com movimentos usando diversos materiais: cordas, bolas, bambolês, pneus, colchões e utilizando os diversos espaços;
- Dia da família: Palestras com profissionais do esporte; práticas esportivas realizadas com pais e crianças;

- Encontro com os pais durante a semana para caminhada, dança, alongamento, etc;
- Ações diárias de leituras, incentivo as crianças e pais.

DESENVOLVIMENTO

Meio ambiente, atividade física e leitura: Fatores de qualidade de vida deu-se início no primeiro encontro com os pais (fevereiro 2014), onde foram expostas todas as ações que a unidade escolar iria desenvolver durante o ano letivo. Elaboramos este projeto com a intenção de proporcionar, às nossas crianças, ações e posturas responsáveis e saudáveis, seja junto à natureza, sejam em suas casas ou mesmo na comunidade onde vivem, permitir à criança descobrir a si própria, explorar, criar, recriar, procurar entender o mundo que a cerca e as relações presentes, desenvolvendo práticas físicas, esportivas, de leitura e também de preservação do meio-ambiente, estimulando a cooperação e a solidariedade, tomando como referência a esgotabilidade dos recursos naturais e dos produzidos pelo ser humano. Na escola, as crianças têm seus hábitos modificados e, passam a disseminar esses conhecimentos e novas atitudes junto aos seus familiares, provocando em cadeia transformações significativas que irão interferir na realidade atual.

A colaboração dos pais em enviar materiais recicláveis é de grande importância, pois iniciam um processo de modificação de hábitos em casa na preocupação em separar e limpar esses materiais para serem levados para a escola. No espaço de coleta seletiva separam esses materiais em recipiente próprios. As crianças são levadas a outro espaço onde gostam de estar e aprendem com o lúdico, “Condomínio Olandya” espaço esse que várias crianças contribuíram para a construção, trazendo de casa garrafas pets. Cabeleireiros, clientes, dono de restaurante, cozinheiros, mecânicos, motoristas, guarda de trânsito, mães, pais, filhos, etc. vários papéis são representados e o faz de conta estimulam os aprendizados das crianças.

Fazer seus brinquedos, ser protagonista de suas criações é trazer a criança para perto da transformação, lidar com materiais que ela mesma dará forma, é leva-la a consciência acerca da realidade e incentivo ao processo criativo, a criança juntamente com o professor elabora diversos brinquedos com sucata e materiais recicláveis.

As crianças estão em constantes movimentos dentro dos espaços da EMEI, pulam, correm, andam, brincam, sobem, descem, etc. são ações espontâne-

as que realizam, para isso precisa de energia, energia que são encontrados nos alimentos, essa é uma associação muito importante que a criança deve fazer, pois no nosso organismo esse alimento: faz crescer de forma saudável, ajuda a prevenir doenças e dá energia para brincar, estudar e para todas as atividades do nosso dia-a-dia. Em sala de aula essas situações são trabalhadas diariamente, com um desempenho de toda a equipe escolar e com os pais também é feito um trabalho durante todo o ano: através de pesquisas, para sabermos como seus filhos se alimentam em casa; informação semanal do cardápio oferecido para as crianças e a importância do incentivo em casa; palestras com nutricionistas da empresa responsável pela distribuição e preparo dos alimentos, realizada nas reuniões de pais e mestres, assim como um empenho das professoras com planilhas para perceberem detalhes diários como a criança se alimenta na escola, se rejeita específicos alimentos ou não, o cardápio ilustrado que está em exposição para a criança conferir os alimentos oferecidos naquele dia e o incentivo que as professoras e funcionários dão aos alunos na hora das refeições.

Como a comida é o alimento do corpo, a leitura é o alimento da mente. Assim promovemos várias ações de leitura durante o ano:

- 1) Leitura em família: Esta ação tem a intencionalidade de promover a integração escola-família, enriquecendo o momento de leitura em família, proporcionando um momento afetivo relacionando a convivência familiar e a leitura. Escolha de um livro infantil pela professora. Montagem de um caderno de desenho, com a elaboração de uma planilha dividindo a folha em duas partes, para registrar as impressões sobre a leitura, uma parte contendo o registro da criança, em forma de desenho, e na outra parte o registro escrito do responsável, que fará a atividade de leitura com a criança.
- 2) Diferentes momentos de leitura:
 - 2a) Sala de leitura - ambiente aconchegante e convidativo para a leitura. Decoração planejada para favorecer bons momentos de leitura. Livros ao alcance das crianças, colchonetes, tapetes, "arara" com fantasias para dramatizações e etc.
 - 2b) Caixas volantes de livros e Caixa volante de gibis: uma para cada classe com 35 livros, que são oferecidos para as crianças. Quando os livros e gibis já foram manuseados por todas as crianças, faz-se o rodízio das caixas entre as classes.

- 2c) Sacola da leitura: empréstimo de livros para as crianças semanalmente. É uma das atividades facilitadoras para que o hábito da leitura seja cultivado no ambiente familiar.
- 2d) Sessão Simultânea de Leitura: os professores selecionam os livros previamente, confeccionam um cartaz com cópia da capa do livro, uma resenha e colocam uma folha de sulfite em branco no cartaz. O material é exposto e cada criança escolhe o livro que quer conhecer a história escrevendo seu nome na folha de sulfite. Num dia pré determinado, as crianças são divididas em grupos de acordo com o livro que escolherem, e é realizada a hora da leitura. Todos na escola param ouvir histórias ao mesmo tempo, e depois cada criança retorna para sua sala com a professora e compartilha com os demais de sua turma como foi este momento, quais foram as suas experiências. Cada criança tem uma história diferente para contar, pois no momento da leitura não ficaram juntas, cada uma escolheu uma história diferente para ouvir.
- 3) Série de atividades físicas: As atividades em que as crianças se envolvem mais e interagem com entusiasmo e aquela que dá a elas a liberdade de movimento: correr, pular, saltar, chutar, rolar, etc. Cada professor elabora uma série de atividades física para ser trabalhar com sua turma de forma democrática. Observa o envolvimento em todas as atividades: na dança das cadeiras, nas cambalhotas em colchões, no pular dentro dos pneus, bambolês, cordas pulando por cima ou por baixo, brincar de estátua, dançar, no circuito, fazer alongamento, correr de várias formas e até mesmo relaxar.
- 4) Dia da Família: Repetimos com os pais no primeiro encontro da família no mês de abril, iniciamos com duas palestras, com a presença da jornalista: Thiago Tufano que falou fatores importante do esporte brasileiro principalmente do futebol e o Prof Carlos Henrique que expôs a importância da atividade física, alimentação e saúde para o ser humano. Após realizamos uma dança: A ZUMBA onde todos entraram na dança, em seguida um circuito com atividades do cotidiano das nossas crianças: em seguida um relaxamento com uma profissional da educação física que proporcionou momentos de relaxamento e um delicioso abraço, mães, pais, irmãos e filhos(as), se abraçaram de forma carinhosa e harmônica proporcionando um momento emocionante entre as famílias. Um delicioso lanche foi oferecido para encerrar esse momento de grande participação da família na escola.
- 5) Mini Copa: Para finalizarmos o semestre, no mês de Junho fizemos a *mini copa Olandya*, onde jogadores e torcidas agitaram a EMEI por duas se-

manas, movimentos espontâneos e de muita vibração em participar de um evento que é um marco no nosso país nesse ano de 2014, A COPA DO MUNDO, foi uma competição da amizade onde todos ganharam na alegria e em novos conhecimentos.

Este planeta é nosso e a qualidade de vida dele, física ou social, também depende de pequenas ações de nossa parte.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita em conjunto, com envolvimento dos pais e da equipe escolar para subsidiar as adequações necessárias nas ações propostas, pois o projeto dará continuidade nesse segundo semestre, foi avaliado através de questionário de opinião, comentários por e-mail ao visualizarem o jornal Gazetinha Olandya e o facebook da EMEI.

Observamos nas crianças: o reconhecimento do outro e saber compartilhar, trabalhar em grupo, aumento na autoestima, reconhecemos habilidades e a criatividade através de brincadeiras, se ver como parte de um meio ambiente onde vivem, convivem e dividem com outras pessoas, a preocupação com a alimentação e a saúde através de depoimentos em rodas de conversas e um dos resultados mais surpreendente foi a aproximação e participação dos pais no projeto.

3º LUGAR

Projeto:
Entre Versos Controversos

Unidade Educacional:
EMEF Professor Aurélio Arrobas Martins

Responsável:
Daniel Carvalho de Almeida

RESUMO

Publicação de um livro de poemas escritos pelos alunos. Na equipe, há desde alunos que trabalham como escritores, colaboradores, divulgadores, até *designers* e equipe-técnica. O livro foi publicado pela Editora Livro Novo.

OBJETIVOS

- Aprimorar a competência comunicativa dos educandos;
- Estimular a criatividade, bem como as composições literárias e o gosto pela Arte;
- Produzir conhecimento por meio da reflexão sobre as próprias criações;
- Promover um ensino que abranja diferentes áreas de saberes e de aprendizagens, inclusive as que não estão, sistematicamente, em forma de currículo nas escolas;
- Favorecer aprendizagens no âmbito do letramento digital;
- Fortalecer ações que promovam o protagonismo dos educandos no processo de mobilização e gestão dos conhecimentos;
- Promover e divulgar ações voltadas para a mudança de atitudes, valorização do respeito e dinâmicas de convivência;

- Buscar meios de interagir com os demais para a conscientização da necessidade de mudança para uma melhor convivência no meio escolar e fora dele.
- Ensinar aos educandos a serem produtores de conteúdo nos meios de comunicação;
- Potencializar a colaboração e o intercâmbio de ideias entre os educandos;
- Desenvolver práticas de leitura e escrita que contribuam na produção de textos e compreensão do que se lê;
- Estimular a habilidade de comunicação oral e escrita;
- Trabalhar em equipe;
- Subsidiar a escola no desenvolvimento de seus projetos;
- Apoiar os professores na realização de atividades investigativas com os educandos, a partir de ações voltadas à transformação de suas realidades, tendo como desafio a mudança na maneira de viver, pensar, produzir e consumir da sociedade;
- Promover a produção, a expressão comunicativa, a veiculação e o acesso democrático a partir das linguagens literárias e midiáticas para publicação dos conhecimentos produzidos;

DESCRIÇÃO – METODOLOGIA, MOMENTOS, ETAPAS, PRINCIPAIS AÇÕES E ATIVIDADES

O projeto *Entre Versos Controversos* teve início com o Programa Ampliar - Portaria 5.360/11. Os alunos, desde fevereiro de 2013, se reúnem após o horário de aula para trabalhar num grupo chamado “Explorando as mídias”. Tal grupo é dividido em dois subgrupos: *Blog* e *Rádio*. Dentro deles, trabalhamos com equipes de educandos que são divididas por “funções de trabalho”, isto é, os alunos do subgrupo *Rádio* têm tarefas diferenciadas dos que estão no *Blog*. Contudo, os estudantes de todas as equipes conversam entre si, assim como áreas diferentes de uma empresa que, para atingir uma meta, precisam dialogar constantemente. Com isso, destacamos nosso primeiro intuito no projeto: o trabalho em equipe; cada aluno depende do outro para alcançar pequenos objetivos até chegar à nossa meta final: a publicação de um livro de poemas cuja autoria seria dos próprios alunos, que ocorreu em junho deste ano.

Como o trabalho tem seu foco na comunicação escrita e criação literária, para não “perdermos” os alunos que não possuem afinidade com a leitura e/ou escrita, criamos esta estratégia de “grupos”.

Sendo assim, há uma equipe que chamamos de **escritores** dentro do subgrupo *Blog*, cujos membros são alunos que possuem afinidade e gosto pela escrita. Com eles, trabalhamos desde reflexões sobre os *best sellers* até análises literárias de obras mais densas (como as de Edgar Allan Poe, Carlos Drummond de Andrade, Vicente de Carvalho, Manuel Bandeira, etc.). Estudamos também os gêneros textuais (especialmente o gênero poema), assuntos relacionados à gramática (respeitando, no caso da poesia, a licença poética), bem como aspectos para composição literária, refletindo, assim, sobre o processo de criação e sobre a construção da voz autoral na escrita, focando nas habilidades de observação, imaginação, experimentação de imagens, trabalho rítmico e sonoro com a linguagem.

Dentro ainda do subgrupo *Blog*, temos os **colaboradores** e os **divulgadores**. Com estes alunos, o trabalho de leitura e escrita é feito de forma mais “leve”. Por possuírem afinidades diferentes dos que compõem a equipe de **escritores**, não é possível tratar de assuntos “pesados” como aqueles tratados por poetas mais densos e estudados pela outra equipe. É importante respeitarmos tanto o gosto do educando, como o seu limite. Portanto, com os **colaboradores** e **divulgadores**, o trabalho com escrita e os gêneros é diferenciado. Tais alunos cuidam da parte do marketing e de mídia social de todas as equipes. Temos um *blog* e *fanpages* do Facebook na *web*. Assim, é possível, por meio das redes virtuais, trabalhar para a melhora da escrita do educando, focando em diferentes aspectos textuais, tais como finalidade, estilo, conteúdo, tema e público-alvo das postagens. Além disso, um dos aprendizados neste segmento do projeto é a conscientização e bom uso das mídias sociais.

Há também, nos trabalhos que envolvem o subgrupo *Blog*, os alunos que trabalham como **designers**. Com estes, trabalhamos mais com assuntos relacionados à criação digital. Eles são os responsáveis por todos os nossos logotipos, fotos de anúncios e pelas foto-montagens de poemas e publicações nas nossas mídias sociais. As foto-montagens nada mais são que os poemas dos alunos **escritores** publicados juntamente com uma foto ou montagem de foto no fundo. Como os alunos **designers** possuem mais dificuldades para a escrita no sentido de composição, podemos, assim, trabalhar com a criatividade deles no que tange o relacionar o texto a uma imagem. Exemplo: se um dos **escritores** escrever um poema sobre o pôr do sol, o educando da área de *designer* terá

que encontrar imagens que combinam com o sentido do texto. É interessante quando os poemas dos alunos tratam de temas mais abstratos, promovendo, assim, um bom exercício de criatividade e associação ao aluno que realiza as foto-montagens. Além disso, para a capa do livro, fizemos um miniconcurso entre os alunos. A capa que recebesse mais votos seria a capa de *Entre Versos Controversos* e o aluno teria os créditos de seu trabalho no livro.

Os alunos do subgrupo *Rádio* estão envolvidos no projeto do livro de forma indireta. Eles são mais responsáveis pela parte midiática e de eventos na escola. Temos a equipe de **locutores, sonoplastas e equipe técnica** (que ajuda na montagem de som e organização de eventos). Podemos dar como exemplo do trabalho deles e a sua relação com o livro o evento *Sarau Literário-musical*, no qual, os **escritores** faziam as apresentações. Contudo, para todos participarem (principalmente os mais tímidos e/ou que possuem dificuldades na leitura, escrita ou oralidade), adotamos, como mencionado anteriormente, esta estratégia de grupos e de várias equipes. A **equipe técnica** ajudou desde a distribuição dos “bilhetes de entrada” para o sarau (cada ano/série tinha um horário para assistir nosso evento), controle de entrada e saída de alunos no corredor, até no planejamento do evento. Já a equipe de **sonoplastas** ajudou na montagem do som, desde carregar equipamentos até equalização de som no momento das músicas. O mesmo aconteceu no dia 10 de junho, data do *Lançamento* do livro, realizado em um restaurante próximo a escola. Alguns alunos trabalharam na recepção, outros na distribuição e venda de livros e, alguns, ainda, trabalharam na parte musical. Este evento envolveu a comunidade, família e a escola, mesmo não sendo no horário de aula. Todos os livros que tínhamos (mais de 80 exemplares) foram vendidos no dia e estimamos que o número de pessoas que foram nos prestigiar no lançamento foi maior que 150 pessoas.

O início de nossas aulas é igual para todas as equipes. Após as explicações, a turma se divide e realiza cada um a sua função. É interessante observar a liberdade das aulas e a utilização de diferentes espaços para promover um trabalho diferenciado. Há dias que alguns alunos estão no laboratório de informática mantendo as nossas redes virtuais, outros na rádio arrumando equipamentos, uns criando fotos e postagens e ainda aqueles que estão na mesa do professor que revisa seus textos, fazendo, com ele, a parte de análise literária a fim de ver o que será ou não publicado.

É importante ressaltar que o objetivo principal era manter um *blog* e *fanpage* na *web* com poemas dos alunos. Contudo, os textos deles foram ficando cada

vez mais densos, complexos, críticos e reflexivos e mereciam uma obra digna de ficha catalográfica, número de ISBN, impressão de qualidade e publicação por uma editora de confiança. Não queríamos um arquivo em “.pdf” que depois seria impresso e distribuído junto a uma capa bonita, queríamos ser autores, poetas e ter uma obra literária nossa.

Os textos dos educandos, deste modo, são dignos deste resultado, uma vez que *Entre Versos Controversos* não se resume apenas à uma compilação de redações escolares. O leitor que está acostumado a olhar entre as linhas verá que se trata de produções textuais maduras que refletem sobre o amor, a vida, a saudade, a existência, as angústias e a inspiração que move a pena. A expressão de sentimentos, ideias, autobiografias e críticas sociais (há algumas bem profundas no livro) viram poemas na mão destes alunos autores.

A publicação do livro não foi o resultado principal de todo este projeto. A amizade e união que eles criaram durante as aulas é o que mais nos chama a atenção. O mesmo acontece com o professor, que vivenciou uma história única com estes educandos e viu, por meio da pedagogia por projetos, esperança naquilo em que muitas pessoas não creem mais: a região leste de São Paulo, a escola pública e a capacidade da juventude. Concernente à relação professor-aluno, esta contrasta bastante com as abordagens tradicionais. A relação é de amizade, de proximidade. Professor e aluno aprendem juntos, tanto que nossos encontros mais pareciam uma reunião de um grupo de estudos (em que todos aprendem) que uma sala de aula na qual um fala e os outros ouvem.

Sendo assim, o grande feito deste projeto não foi a criação do livro, isto foi apenas a consequência de um resultado maior: a criação de uma história que escrevemos juntos e a uma experiência que será vivenciada por nossa memória por toda nossa vida.

O projeto ainda continua, porém com algumas diferenças estruturais para atendermos melhor os novos membros. Os alunos já almejam o volume II de *Entre Versos Controversos*.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

África: Contos, Brinquedos e Brincadeiras

Unidade Educacional:

EMEI Júlio Alves Pereira

Responsável:

Alessandra Messias Cardozo

Projeto Pedagógico elaborado para crianças da Educação infantil fase I, tendo como propósito melhorar a convivência e autoestima, por meio do conhecimento e vivências da cultura africana e afro descendente.

O projeto deu início em março/2013 e foi finalizado em novembro/2013, data da mostra cultural da unidade.

OBJETIVOS GERAIS

- Construir na Unidade Escolar espaços para vivências e reflexões de diferentes aprendizagens no que se refere à igualdade e respeito à cultura africana e afro descendente.
- Divulgar na Unidade Escolar e na comunidade local o legado e a contribuição dos povos africanos e afros descendentes, vivenciados, pesquisados e construídos pelas crianças.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Através das atividades lúdicas promover vivências que fortaleçam o respeito às diferenças e o fortalecimento da autoestima das crianças, principalmente das crianças negras e afro descendentes.

JUSTIFICATIVA

“Professora aquele menino preto me empurrou!”

(Fala de uma criança, aluna da Emei, num momento de brincadeira na sala de aula – idade - quatro anos).

O maior desafio da humanidade no século XXI é o enfrentamento das questões étnicas e raciais, enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e intolerância de qualquer natureza.

A escola de Educação Infantil tem neste sentido a importante tarefa de contribuir para construção de laços pautados no respeito e entendimento do outro, sendo possível ressignificar as formas de se relacionar.

Há necessidade de reorganizar os tempos e os espaços, possibilitando a criança vivenciar diferentes estéticas e linguagens.

Cabe ressaltar que as crianças tendem a reproduzir e imitar o que os adultos dizem e fazem, trazem os saberes adquiridos do meio em que vivem, sendo este um terreno repleto de conflitos e embates, mesmo nesta faixa etária. Neste sentido o trabalho pedagógico na Educação Infantil deve ofertar experiências com diferentes linguagens, de modo que as crianças tenham uma formação global e multicultural, contrapondo tendências consumistas e segregadoras, tão presentes na sociedade.

Outro fator fundamental a ser observado é o fato de 50% de a população brasileira ser afro descendente (fonte: “A Cor da Cultura” MEC), sendo necessário garantir vivências que possibilitem as crianças conhecer a própria história e, assim fortalecer sua identidade e auto estima.

Segundo Paulo Freire a visão do educador deve necessariamente respeitar o educando, ou seja, **“Ensinar exige reconhecimento e assunção a identidade cultural”**.

Valorizar e saber a própria história são meios de se combater a perpetuação das vozes do racismo, em específico, o racismo no Brasil, o chamado racismo de marca, no qual a exclusão se dá pela cor da pele.

Somente por meio da crítica e autocrítica é possível construir uma prática pedagógica inclusiva, aberta, dinâmica, reflexiva e flexível.

Ao revisitar o currículo escolar, observamos a ausência de outras vozes, a ne-

gação da história do povo Africano, a contribuição de diversas outras etnias, pelo predomínio da cultura europeia. A dominação ideológica expressa no currículo escolar tenta silenciar e subalternizar a maioria afro descendente, pois se caracteriza pelo etnocentrismo.

Os contos oferecidos às crianças são na maioria europeus e as bonecas não representam o biótipo da população que descende dos povos Africanos, tão pouco dos povos indígenas.

Neste sentido este projeto África: Contos, Brinquedos e Brincadeiras busca semear atitudes positivas, pela via do lúdico e do afeto, estimular à admiração, o encantamento pela estética e pelo imaginário Africano e Afro descendente. Brincadeiras, brinquedos, cantigas e muita contação de histórias que falem e se refiram ao universo Africano, sem desconsiderar a contribuição dos outros povos.

Descobrir a África despertando a curiosidade e o respeito à diversidade, aguçando o interesse no cotidiano das práticas educativas: ler, escutar, assistir, ver e perceber o quanto trazemos da África dentro de nós é o que justifica este projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar e valorizar a diversidade étnica e cultural que a constitui. Por sua formação histórica, a sociedade brasileira é marcada pela presença de diferentes etnias, grupos culturais, descendentes de imigrantes de diversas nacionalidades, religiões e línguas... (MEC/SEC, 1998).

Na visão de Miguel A. Zabalza (Qualidade em Educação Infantil: 1998; p.20):

“A Criança Competente”

O sentido geral desta consideração é que o trabalho na escola infantil, assim como nos outros níveis de escolaridade deve basear-se nas competências já assumidas pelo sujeito para reforçá-las e ampliá-las (enriquecê-las).

A idéia básica, a qual farei referencia mais adiante, do funcionamento didático da escola de educação infantil não é a de “construir novas aprendizagens” mas a de “enriquecer os âmbitos de experiência” das crianças que assistem a ela.

Trata-se de tirar proveito do vasto repertório de recursos (lingüísticos, comportamentos, vivências...) com as quais os indivíduos têm acesso ao ensino e utilizá-los para completar o leque de experiências desejáveis para esta idade.

A criança pequena é “competente” no duplo sentido da situação de entrada e de propósitos de saída: **ao entrar na escola já traz consigo vivências e destrezas (competências de diversos tipos e com diferentes níveis de evolução)** que a escola aproveitará como alicerces do seu desenvolvimento. Ao deixar a Educação Infantil deve possuir um repertório de experiências e destrezas mais amplo, rico e eficaz, que expresse o trabalho educativo durante os primeiros anos de escolaridade. **Não se trata apenas que a criança seja feliz esteja sendo cuidada durante esses anos.** Trata-se de fazer justiça ao seu potencial de desenvolvimento durante anos que são cruciais. Ou seja, de colocar em andamento os seus recursos para enriquecê-lo, de percorrer com ela um ciclo de desenvolvimento de capacidades e construção de recursos operacionais que não teria ocorrido (pelo menos neste nível de perfeição) sem atenção especializada que é oferecida pela escola infantil.

Anteriormente afirmei que estas idéias não são, de forma alguma, novidades no conjunto do pensamento pedagógico referente à Educação infantil. Mas continuam sendo novidade no que se refere às práticas cotidiana. O desafio básico neste item consistirá em ir consolidando um trabalho pedagógico que assuma a experiência extraescolar dos sujeitos como ponto de partida e como referencial constante na hora de planejar processos formativos destinados a enriquecer e completar essa experiência extraescolar, isto leva-nos novamente a importância da programação, ou seja, **a concepção do ensino como algo que feito em situações concretas e para pessoas concretas que deverão se adaptar as previsões gerais do currículo.**

No que consiste a reflexão sobre currículo escolar, Vera Maria Candau (Reinventar a Escola, 2000 p.15 p.59 e p.68) faz as seguintes citações:

“Outro grande desafio que se coloca para reinvenção da escola se relaciona com a articulação entre igualdades e diferenças. Durante muito tempo a cultura escolar se configurou a partir da ênfase na questão da igualdade, o que significou a prática, a afirmação da hegemonia da cultura ocidental européia e **a ausência no currículo de outras práticas simbólicas presentes na escola de outras vozes, particularmente referidas às culturas originária do continente, a cultura negra e de outros grupos marginalizados de nossas sociedades.** Hoje em nosso continente são cada vez mais numerosos os movimentos sociais e de caráter identitário que questionam o universo escolar assim configurado e apresentam diferentes propostas na ótica de **uma cultura escolar mais plural que incorpore contribuições de diferentes etnias e questione os estereótipos sociais, de gênero, etc., veiculados pela escola.**

Situam-se este movimentos cada vez mais na perspectiva da promoção de uma **educação verdadeiramente intercultural, anti-racista e anti-sexista, como princípio configurador do sistema escolar como um todo e não somente orientada a determinadas situações e grupos sociais.**

(p.59) “- a educação intercultural afeta não somente aos diferentes aspectos do currículo explicitam – objetivos, conteúdos, propostas e métodos e estilos de ensino, materiais didáticos utilizados, etc. – como também o currículo oculto e as relações entre diferentes agentes do processo educativo – professores/as, alunos/as, coordenadores/as, pai, agentes comunitários, etc. Neste sentido trabalhar os ritos, símbolos, imagens, etc., presentes no dia-a-dia da escola e autoestima dos diferentes sujeitos e **construir relações democráticas que superem o autoritarismo e o machismo tão fortemente arraigados nas culturas latino-americanas, constituem desafios iniludíveis.**

(p.68) “Por outro lado, chama a atenção quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e do tempo, as comemorações de datas cívicas, as festas, as expressões corporais, etc.”. Mudam as culturas sociais de referencia, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de autoconstruir independentemente e sem interagir com estes universos. É possível detectar um **“congelamento” da cultura da escola** que, na maioria dos casos, a torna **“estranha”** aos seus habitantes.

Sendo possível refletir fortemente sobre o papel que a escola exerce sobre os indivíduos, na medida em que reforça o preconceito já existente na sociedade, um lócus que reproduz e estratifica conceitos da ideologia dominante.

Segundo o documento Práticas Pedagógicas para Igualdade Racial na Educação Infantil, existe uma pedagogia que reforça o preconceito (p.20):

Durante a Educação Infantil, as crianças começam a perceber as diferenças e semelhanças entre os participantes de seu grupo, a reconhecer as próprias características e potencialidades e, dependendo dos recursos afetivos e sociais que lhe forem oferecidos, esse processo pode ser mais positivo ou mais negativo para a constituição da sua identidade. Segundo Bento (2003), a identidade esta fortemente marcada pela relação que estabelecemos com nosso grupo, com o *out-group* – o “grupo de fora” – e particularmente com nosso próprio corpo, já que a nossa psique existe dentro do corpo. Nesse processo vamos construindo representações sobre nós e sobre o outro.

No Brasil as representações do corpo negro estão marcadas por estereótipos negativos. Esses estereótipos são difundidos amplamente pelos meios de comunicação. Assim cria-se e difundiu-se idéias de um corpo feio, promíscuo, sujo, mal cheiroso e portador de cabelo ruim. Isso gera vergonha na criança negra, afeta sua autoestima. Muitas vezes a vergonha, o desconforto do pertencimento racial aparece na Educação Infantil e acompanha toda a vida escolar das crianças negras.

Um corpo negro, segundo Oliveira e Abramowicz (2010) tende a ser rejeitado segundo uma norma de negação do diferente em relação ao modelo estética de beleza e saúde convencionalmente estipulado como “padrão” a ser seguido. As autoras salientam que a escola pública se funda sobre dois princípios: a disciplina e higienismo a ser seguido. Nesse “contexto as práticas sociais e discursivas colocaram o negro no lugar de “mal cheirosos” e do indisciplinado”. **O racismo, na pequena infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual, ele é construído, acariciado e repugnado** (Oliveira; ABAMOWICZ, 2010, p.220).

Um artigo recente publicado por meio da Revista Pátio Educação Infantil em jan/mar 2013 com o tema: **O Racismo que Vem do Berço**, o artigo ressalta que as praticas racistas existem e se reproduzem desde a primeira infância, porém desde os primeiros contatos com bebês estas praticas podem ser questionadas.

(p.40) “Essas mesmas relações de dominação étnico-racial estão presentes nos programas de televisão, nos tipos físicos dos bonecos, nos comentários dos adultos, nas coloridas fotos de revistas. Permeiam ainda todo o universo escolar, incluindo a educação infantil, onde normalmente a criança é vista como ator alheio ao preconceito e a discriminação.”

Segundo Lucimar, **esse olhar é uma falácia e a imagem da criança como ingênua silencia o tema, como se ele não existisse, e retarda a busca por soluções. Em sua opinião, é preciso entender que realmente existem conflitos entre as crianças por causa, dos seus pertencimentos raciais** e que professores fazem escolhas baseadas nas características físicas, tornando mais do que necessária uma intervenção curricular e pedagógica nessa etapa da educação.

E na Educação Infantil que começa a conscientização das diferenças físicas. Nessa fase, as crianças negras começam a aprender sobre rejeição nas intensas relações vividas no espaço de estudo. “Nesse ambiente, a discriminação racial se dá pela aparência. São atributos físicos os escolhidos pelos discriminadores para depreciar o negro. Em **muitos casos, a criança incorpora essa**

depreciação do negro, evitando sua identidade negra e tudo o que remete a ela”, ressalta a consultora do Ceert (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades).

“O trabalho do professor não é fácil, reconhece a especialista, porém é muito importante pensar na temática como estando inserida no currículo. Ex: comparar cores na natureza para se observar à diversidade e os biótipos na sala de aula”.

Sobre a Legislação, os danos gerados pelo preconceito são reconhecidos pelo Estado, começando pela Constituição Federal que prevê como currículo obrigatório as contribuições das diferentes culturas e etnia para a formação do povo brasileiro (art.242). Já o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) assegura o direito à igualdade de condições para permanência na escola e para a observação de valores e identidades, devendo as crianças e os adolescentes estar salvo de qualquer forma de negligência, discriminação ou tratamento vexatório. Por sua vez a Lei 10.639/2003 alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “historia da cultura afro brasileiro” e no dia 20 de novembro o Dia Nacional da Consciência Negra, além da inserção das Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (DCNEIs), em 2004, das relações étnico raciais do ensino das culturas afro brasileiras e africanas. Além da Lei de Cotas que buscar reparar os danos causados ao povo negro e afro descendente fruto do período de escravidão.

Sabemos que as ações reparatórias no que tange a legislação não são suficientes, visto que este parece ser um assunto que não faz parte da formação continuada de muitas unidades escolares. **Penso que há de se repensar a indisciplina nas escolas, tratando-se a meu ver de resistência contra um sistema anacrônico, que nega a diversidade. De fato precisamos reinventar um novo modelo de escola! (grifo meu).**

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Emei Julio Alves Pereira fica localizada na Rua Carolina de Carvalho, 67 Jardim Cidade D’abril – São Paulo. A escola funciona em dois turnos: manhã das 07h00 as 12h00. e vespertino 13:00 as 19:00h, atende a faixa etária de quatro (04) a cinco (05) anos em período semi integral.

A escola possui: sete (07) salas de aula com demanda de trinta e cinco crianças por sala, tendo como matriculados um total de quatrocentos e noventa crianças

(490), conta com brinquedoteca, parque, área de campo para prática de esporte, refeitório (onde as crianças se servem), sala dos professores, secretaria, sala de direção e sala de assistente de direção, refeitório para funcionários e cozinha.

A equipe é composta de uma (01) diretora, uma (01) assistente de direção, um (01) auxiliar administrativo, uma (01) coordenadora pedagógica, vinte e quatro (24) professores, três (03) auxiliares técnicos educativos, cinco (05) agentes escolares e conta com a terceirização dos serviços de cozinha e limpeza.

A Emei Julio Alves Pereira foi criada através do decreto nº 40139 de 12/12/2000. O nome dado a escola foi uma homenagem ao líder comunitário Julio Alves Pereira, morador do Jaraguá, lutou incansavelmente pela aprovação da Emei, sendo autorizada após seu repentino falecimento no ano de 2.000.

A escola fica localizada na zona urbana, na região norte de São Paulo, atende crianças de diversos bairros. As crianças se deslocam até a escola de transporte escolar gratuito e transporte particular, alguns vêm de bairros distantes.

A comunidade é composta de pais que na maioria não terminaram o ensino fundamental II, sendo que somente dois por cento (2%) dos pais possui o curso superior completo, segundo pesquisa realizada para elaboração do projeto político pedagógico da unidade. As maiorias dos pais vêm na escola um importante meio de ascensão social, assim como importante espaço de cultura, lazer, guarda e cuidado de seus filhos, enquanto exercem outras atividades, além do trabalho laboral.

METODOLOGIA

Por meio da resolução de problemas aprende-se questionando, buscando respostas em diferentes fontes, considerando diversas perspectivas, trocando visões com outros e construindo seu próprio conhecimento.

Vivências contemplada:

1ª Vivência Circularidade

A roda tem profunda marca nas manifestações culturais afro brasileiras (roda de samba, capoeira, conversas em volta da fogueira e no candomblé).

2ª Vivência “Musicalidade”

O som, o ritmo a canção é outra característica dos povos africanos. Após a apreciação as crianças realizam relatos orais a respeito das sensações

durante a música e em seguida dançam livremente explorando seus repertórios e movimentos.

3ª Vivencia “Corporeidade”

Nosso corpo conta historias, organizar o espaço de modo que as crianças expressem movimentos corporais, dando ênfase em movimentos que remetam aos estilos e danças típicas africanas. Faremos o registro (vídeo) ou documentário para que as crianças possam se observar e apreciar.

4ª Vivencia “Comunitarismo”

Na cultura Afro faz-se tudo junto. Esta vivencia já faz parte da rotina da E.M.E.I Julio Alves Pereira: sentar em grupo, comer junto, brincar etc...

5ª Vivencia “Religiosidade”

Tudo é sagrado, tudo é divino, construir o habito de agradecer a natureza, a terra, o alimento.

6ª Vivencia “Ludicidade”

A alegria frente ao real, a invenção o imaginário: brincadeiras como escravos de Jô fantasiar-se, imitar etc...

7ª Vivencia “Memórias”

Resgatar os fazeres dos antepassados, historias, contos, músicas, culinária.

8ª Vivencia “Oralidade”

O conto, a lenda, o fuxico compartilhado, as quadrinhas em roda. As historias terão personagens negros e/ou de cultura africana ou afro brasileira. Após a leitura as crianças são incentivadas a comentar e questionar os fatos e situações apresentados nas narrativas. As crianças fazem registros individuais e coletivos destas leituras, em diferentes suportes, em alguns momentos o professor é o escriba.

DESENVOLVIMENTO DAS VIVÊNCIAS

As vivencias são parte do cotidiano das crianças, respeitando a linha do tempo da unidade. Foram realizados recortes de algumas vivencias, sendo considerada uma boa situação de aprendizagem a ser filmada, no intuito de preservar estas memórias e socializá-las, sendo contempladas as seguintes atividades:

- Iniciar a aula com roda;
- Cantar, dançar e escutar musica;
- Ouvir muitas histórias;
- Assistir filmes (Kiriku e a Feiticeira, Bruna e a Galinha D'angola, Chuva de Manga, Bonequinha Preta, Menina Bonita do Laço de Fita, O Menino Nito);
- Agradecer a natureza pelo alimento;
- Aprender Junto;
- Expressar – se graficamente;
- Recontar histórias;
- Explorar instrumentos diversos;
- Participação da Família na confecção da Bonequinha Preta;
- Desenhar e pintar em variados suportes tendo como tema a África.
- Visualizar imagens de animais típicos das Savanas e reconstruí-las em diversos suportes;
- Brincar com bonecas negras exercitando o poder do afeto

RECURSOS

Livros Infantis:

- Chuva de Manga – James Rumford Brinque Book
- Bruna e a Galinha D'angola - Gercilda de Almeida
- Berimbau Mandou te Chamar – Organização Bia Hetzel – Manati
- Bichos da África Lendas e Fábulas – Rogério Andrade Barbosa – Melhoramentos
- Menina Bonita do Laço de Fita – Ana Maria Machado (acervo pessoal)
- A Bonequinha Preta – Alaíde Lisboa - Editora Lê
- Africanidades: Jogos, Brincadeiras e Cantigas
- A Princesa e a Ervilha – Rachel Isadora – Farol Literário

- Descubra o Mundo África – Marta Ribon
- Historias Africanas para Contar e Recontar – Rogério Andrade Barbosa
- O Maribondo do Quilombo – Heloisa Pires Lima
- Kiriku e a Feiticeira (acervo pessoal);
- Bruna e a Galinha D’angola – youtube
- Chuva de Manga – youtube
- O Menino Nito – youtube
- A Bonequinha Preta – youtube
- Menina Bonita do Laço de Fita – youtube
- CD Musicas Daqui Com Ritmos do Mundo;
- Papeis e materiais escolares;
- Tecidos coloridos (chita)
- Sucatas para fazer instrumentos

PRODUTO FINAL

Apresentação de duas danças a comunidade, visto que dançar tem sido das atividades a mais apreciada pelas crianças. Gravação dos trabalhos das crianças para postagem no Blog da escola, podendo ser utilizado como instrumento de reflexão na elaboração de ações para o projeto político da unidade.

Participação das famílias na confecção da Bonequinha Preta e doação do brinquedo para a Brinquedoteca da Escola.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi contínua e diária, sendo observado melhora no modo como as crianças se relacionam, pois passaram a trazer e levar assuntos pertinentes à África e demais conteúdos. Foi possível observar melhora na autoestima e na timidez, as crianças passaram a se olhar de maneira positiva, na medida em que se abriu para o conhecimento de novas culturas, ampliou-se o universo das crianças para diferentes realidades

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Práticas Pedagógicas Para Igualdade Racial na Educação Infantil: Hédio Silva Jr. / Maria Aparecida Silva Bento – organizadores

Qualidade em Educação Infantil/ Miguel A. Zabalza; Trad. Beatriz Afonso Neves – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Reinventar a escola / Vera Maria Candau (org). – Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

Ciências Hoje: Quilombos e Quilombolas do Brasil – novembro de 2012

Pátio – Educação Infantil: O Racismo Que Vem do Berço – jan/mar 2013

Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana.

A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros / Gislene Aparecida dos Santos. – 1ª Ed. – São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

Do Silêncio do Lar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil/ Eliane dos Cavalleiro 2ª. Ed. - São Paulo: Contexto, 2008.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
Blog do Maurício

Unidade Educacional:
EMEF Maurício Goulart

Responsável:
Andréia Viçoso da Silva

RESUMO

Desenvolver através da intervenção educ comunicativa (Blog) a junção entre alunos de ciclos organizacionais diferentes (Ciclo Interdisciplinar com o Ciclo Autoral) devendo promover com isso o fortalecimento e o crescimento enquanto protagonista da sua história e demais membros da sociedade.

OBJETIVOS

Promover o protagonismo infante / juvenil por meio das tecnologias da informação e comunicação, contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos, possibilitar o desenvolvimento da expressão comunicativa e contribuir para a integração entre professores, alunos e comunidade.

DESCRIÇÃO

- No início de 2013, a EMEF Maurício Goulart, iniciou o trabalho com uma equipe para elaboração do Blog.
- Equipe formada por alunos do 3º ano ao 9º ano, pois a ideia era criar um grupo heterogêneo favorecendo os diferentes olhares para construção do mesmo.

- Montado o grupo, começou outro processo, capacitações sobre o que é um blog, tipos de blogs existentes e como seria o blog da escola (aprendendo com os diferentes sujeitos a definir objetivo comum).
- Neste momento passamos a deixar de ser unidade para ser o todo.
- Ocorreram outras capacitações durante o processo para possibilitar aos alunos diferentes formas e recursos para construir seus segmentos dentro de suas habilidades.
- Durante todo processo foi possível perceber o protagonismo em todas suas ações como: autonomia na tomada de decisões, colaboração e aprendizado com o trabalho em equipe, negociação para chegar a um consenso, respeito com o outro, seus direitos, resolução de divergências e conflitos.
- Um exemplo deste protagonismo foi quando a escola foi assaltada e levaram alguns computadores da Sala de Informática onde era chamado de Redação do Blog. Momento muito difícil, mas os mesmos se uniram e criaram um evento para pedir reposição dos computadores e segurança.
- Evento esse titulado como “Prefeito nos Ouça” com objetivo de criar um evento cultural com vários momentos criados pelos próprios alunos e colaboradores com a proposta de apresentar o documentário elaborado por eles no pedido de ajuda para Prefeitura de São Paulo e de toda comunidade em torno da escola.

METODOLOGIA

a) Público alvo:

Público direto:

Alunos envolvidos no processo de construção do blog (alunos tanto do Ciclo Interdisciplinar como alunos do Ciclo Autoral totalizando 25 membros autores ou coautores nas produções);

Ex-alunos que continuam voluntariamente desenvolvendo trabalho na unidade;

Alunos e toda a comunidade escolar que acessam ao blog.

Público indireto:

Comunidade em geral que não apresenta vínculo com ações promovidas pela EMEF Maurício Goulart e acompanham o blog.

b) Capacitações durante todo o processo:

Conhecendo o blog (finalidades, modo de fazer e diferentes blogs que existem na rede);

Conhecendo e produzindo diferentes gêneros textuais para publicação no blog;

Como realizar pesquisas e sintetizar esses materiais;

Trabalhando com diferentes programas de computador (Word, Paint, Pivot, Movie Maker e Power Point), além de conhecer recursos de fotografia e filmagem;

Pesquisando ou elaborando suas próprias imagens para ilustrar sua produção.

c) Recursos utilizados:

Recursos midiáticos: celulares, máquinas fotográficas, computadores, filmadora e internet.

Pesquisa em campo.

Correspondência por e-mail ou mesmo Facebook para trocar informações com a equipe.

Sala de informática da EMEF Maurício Goulart e própria casa ou celular.

d) Objetivos específicos:

- Promover a consolidação da formação básica na alfabetização e letramento interagindo com diferentes gêneros textuais e literários (Ciclo Interdisciplinar);
- Criar o compromisso com a intervenção social e construção do conhecimento com o domínio das diferentes linguagens;
- Contribuir para o desenvolvimento de competências para o uso das tecnologias na comunicação;
- Ampliar o universo cultural e intelectual do participante proporcionando atividades de pesquisa em diferentes fontes de informação;
- Possibilitar o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da leitura e da escrita por meio de atividades voltadas à produção colaborativa de pautas para as produções envolvendo as várias linguagens da comunicação;

- Estimular e incentivar o trabalho solidário e colaborativo dentro e fora do ambiente escolar, à vivência ética e o uso das tecnologias informatizadas rumo a uma cultura de paz;
- Contribuir para a formação global do aluno com o desenvolvimento de produções que possibilitem a inclusão dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente, Orientação Sexual, Saúde, Pluralidade Cultural e Ética;
- Contribuir para a melhoria da confiança, para a autoestima e para o desenvolvimento de todos os alunos envolvidos pelas ações do Programa Nas Ondas do Rádio.

PRINCIPAIS AÇÕES

- Luta constante em aumentar o acesso do blog pela comunidade escolar;
- Consolidar um grupo atuante e criativo no processo de elaboração do blog;
- Autonomia em seus participantes, independente de sua faixa etária e no processo de letramento em que se encontram;
- Possibilitar outros alunos / membros da escola a participarem do blog de forma colaborativa;
- Criação e mobilização para um evento cultural para chamar atenção da comunidade e da própria Prefeitura de São Paulo em um momento de necessidade;
- Continuidade do trabalho, apesar das dificuldades, pois superando barreiras no dia-a-dia frente a uma nova realidade enfrentada pela escola.

AValiação

O processo de avaliação é norteado pela direção e coordenação pedagógica com os membros da comunidade escolar no próprio Conselho de Escola.

Já em relação ao trabalho da equipe do blog em todo momento ocorre avaliação processual e contínua para detectar se os objetivos estão sendo alcançados e o que precisa ser feito para serem obtidos.

Avaliações essas realizadas verbalmente, semanalmente, com análise do material produzido e escolha da pauta para a próxima edição.

Outra forma de avaliação é a produção de pesquisa com alunos, podendo ser por amostragem, sobre a leitura do material produzido e como está acontecendo sua aceitação.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
Entre Rios

Unidade Educacional:
EMEF Professor Antônio Duarte de Almeida

Responsáveis:
Jussara Strege Costa e Virgínia Jacob

RESUMO

O projeto Entre Rios teve início em setembro de 2013 com continuidade em 2014. Por meio de trabalhos de campo e pesquisas, possibilita aos estudantes conhecer e intervir na realidade local. Para tanto se propõe: questionamentos da situação da comunidade do Parque Guarani e do córrego Jacupeval; estudo de mapas com localização do córrego Jacupeval, rio Jacu e rio Tietê.

OBJETIVOS

- Compreender e valorizar a cultura indígena.
- Conhecer o processo de urbanização da região.
- Valorizar a história local.
- Reconhecer e promover o pertencimento do território geográfico, social e cultural.
- Sensibilizar e conscientizar a comunidade sobre a questão socioambiental.
- Viabilizar o estudo de campo como forma de pesquisa-ação-reflexão-ação.
- Promover o protagonismo infanto-juvenil, por meio dos trabalhos de campo, pesquisa e entrevistas.

- Compreender a construção histórica do espaço geográfico.
- Contribuir com as competências leitora e escritora.
- Ampliar o universo cultural e intelectual dos alunos.

METODOLOGIA

A realização do projeto Entre Rios envolve toda a comunidade escolar e seu entorno. Esta relação se trava assentada nos princípios da ação dialógica; do compartilhamento da responsabilidade pelo desenvolvimento das ações, de sua avaliação e reelaboração quando necessário.

O diálogo, princípio central na Democracia, torna-se aqui também uma metodologia na busca das respostas às demandas que surgem na realização do projeto. O trabalho coletivo implica conflito, contradições, divergências, no entanto nos oportuniza aprender a dialogar, debater, ouvir, refletir, contradizer, colaborar, reafirmar e construir consensualmente, sem submissão ou imposição, as soluções às questões que nos vão sendo colocadas.

Neste caminho, o projeto pauta-se pela construção de ações a partir de encontros/reuniões de trabalho que envolve os professores e os alunos que elaboram as atividades a serem realizadas e o calendário das mesmas.

São atividades como Visitas Monitoradas, que proporcionam dialogar com a realidade da região do córrego Jacupeval, Rio Jacu e Rio Tietê, assim como a localização desta área em relação à EMEF Professor Antônio de Almeida.

Este diálogo se completa com a produção de material escrito pelos alunos de forma individual e coletivamente; realiza-se também o registro fotográfico e em vídeo desses encontros.

Dialoga-se, in loco, com o território Entre Rios com pesquisa de campo, percorrendo a região, fotografando-a, fazendo registros sobre o espaço geográfico nas suas variadas facetas- econômica, social, cultural, histórica, política, entrevistando os moradores e levantando documentos/registros históricos e iconográficos da ocupação do Parque Guarani e do Vale do córrego Jacupeval.

Diante dessas informações produzem-se mapas, vídeos, exposições, conversas de roda a partir do conhecimento oral dos moradores do entorno e a constituição de um Fórum da Comunidade para elaborar intervenções sobre esse território, visando melhorar suas condições e das pessoas que ali vivem.

A metodologia que neste projeto se desenvolve, pauta-se pelo diálogo e pela ação entre o conhecimento pré-existente e aquele que se produz no enfrentamento com a realidade, baseando-se nos ensinamentos do Mestre Paulo Freire:

“A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.”

MOMENTOS, FASES, ETAPAS DO PROJETO

O plano é constituído em quatro momentos: Problematização, características e conceitos do objeto de estudo, Pesquisa de Campo e Ação Comunitária.

Diversas ações contemplam o projeto Entre Rios: trabalho de campo no córrego Jacupeval, entrevista com moradores, ida ao EcoPonto, produção de vídeos, ida ao Museu do Parque Ecológico do Rio Tietê, pesquisa da origem dos nomes dos rios estudados e registro de informações.

A problematização dos conhecimentos prévios dos estudantes é a primeira fase, que tem como proposta gerar no estudante a atitude de procurar respostas para as perguntas a partir das situações do cotidiano.

A segunda fase possibilita ao estudante reconhecer o objeto de estudo e identificá-lo, através de: leitura de mapa que localize a nascente do rio Tietê e seu percurso pela cidade de São Paulo; análise de mapa com a localização da escola, do córrego Jacupeval, do rio Jacu e Tietê. Leitura de Crônica sobre o rio Tietê de Daniel Munduruku (um olhar indígena); origem do nome Jacupeval, Jacu e Tietê; pesquisa histórica da urbanização de Itaquera (imigração japonesa) e migração nordestina.

A terceira fase abrange os trabalhos de campo ao longo do Projeto Entre Rios: visita e palestra no Museu do rio Tietê; percurso da nascente à foz do córrego Jacupeval e ida ao EcoPonto.

A Quarta fase tem como objetivo a efetiva participação dos alunos promovendo assim o protagonismo juvenil. Nesta fase diversas ações são realizadas: elaboração de perguntas para entrevista com educador do museu do Rio Tietê; utilização de mapa para reconhecer e intervir na realidade local; entrevista dos moradores da parte canalizada e não canalizada do córrego Jacupeval;

criação de roteiro para realização de entrevista com moradores da comunidade, produção de vídeo das entrevistas, produção de poesias e ilustrações dos rios; entrega de folhetos sobre o Ecoponto.

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS

Fase 1 - Pesquisa para o levantamento do conhecimento prévio

Esta fase visa provocar a curiosidade dos estudantes em relação ao córrego Jacupeval:

Qual é a sua localização?

Qual é o percurso do córrego?

Que fatores influem nas inundações e enchentes do córrego Jacupeval?

Quando parte do córrego Jacupeval foi canalizada?

Quando comunidades passaram a viver às margens do córrego?

Fase 2 - Leituras de Mapas e crônicas Indígenas

Localização do córrego Jacupeval, rio Jacú e rio Tietê.

Hierarquia das bacias hidrográficas- rio Jacú e rio Tietê.

Construção histórica do espaço geográfico.

O olhar indígena sobre a importância dos rios.

Fase 3 - Pesquisa de Campo

Visita ao Museu e Parque Ecológico do Rio Tietê

Percurso da nascente à foz do córrego Jacupeval.

Visita ao EcoPonto.

Fase 4 - Entrevistas e Produções de fotos, vídeos e ação comunitária.

Entrevistas com moradores das margens do córrego

Produção de vídeos e fotografias

Produção de poesias e ilustrações

Entrega de folhetos sobre o EcoPonto

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

Terrário de Lagartas na Educação Infantil

Unidade Educacional:

CEI Vereador Cantídio Nogueira Sampaio

Responsável:

Angelina Costa dos Santos

RESUMO

Projeto com foco nas questões ambientais, onde a criança possa desenvolver um olhar sensível para a natureza, respeitando o seu ciclo e desenvolvimento. Ao construir e cultivar um terrário para acomodação das lagartas iniciou - se um processo de observação da vida e de suas transformações (metamorfose).

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra” – Paulo Freire

OBJETIVOS

- Respeitar e compreender a questão do tempo nas diferentes formas de seres vivos.
- Despertar o interesse pela observação e investigação.
- Apreciar os pequenos “milagres” que a natureza apresenta.
- Participar e contribuir ativamente na manutenção do terrário para o sucesso de nossa experiência.

- Identificar as fases da lagarta e compará-la ao ciclo da vida dos seres humanos.
- Propiciar experiências significativas de sentimentos e reações como medo e nojo, entendimento sobre morte e/ou desapego que devem ser encaradas como algo natural e inclusos no processo.
- Perceber que a beleza pode existir nas situações mais excêntricas e desprovidas de atenção.
- Construir conhecimento acerca do tema e compartilhá-lo com seus familiares e amigos.
- Devolver os seres vivos (plantas e bichinhos) ao seu habitat natural.

DESCRIÇÃO

Iniciei o projeto com rodas de conversa, sobre o meio ambiente, animais e plantas.

Nos dias fomos à secretaria da escola para fazer uso do computador com visualização de vídeos no youtube sobre a conversão da lagarta em borboleta e em mariposa.

Observação de uma folhinha de verdura “agrião” que continha os ovos de lagarta postos por uma borboleta anteriormente.

Ao longo dos dias fizemos rodas de música relacionadas ao tema, dentre elas a música “Natureza” de Celise Melo.

Nos dias de televisão compartilhamos experiências sobre os bichinhos de jardim com vídeos em DVD.

Fizemos diversos trabalhos artísticos relacionados ao tema com tinta, massinha, reciclagem, alinhavo...

Leitura em roda sobre as lagartas (Revista Ciências Hoje das Crianças, outubro 2006, 2º ed. pg., 7)

Roda de história do livro “O casaco de Pupa” de Elena Ferrandiz, essa roda de história foi feita ao ar livre, e as crianças leram umas para as outras mais de uma vez.

Roda de história do livro “Loreta a borboleta xereta” de Carmen Lúcia Campos, e na seqüência roda de conversa sobre essa leitura.

Confecção do terrário, feito pelas crianças com orientação da professora.

Passeio até a horta nos arredores da escola que ocorreu no dia seguinte a mon-

tagem do terrário, com intuito de caçar as lagartas para a criação. Neste passeio, os pais dos alunos foram convidados a acompanhar e funcionários da escola também participaram. Na caminhada do passeio, os alunos puderam apreciar diferentes bichos típicos da roça, árvores frutíferas, plantas leguminosas etc.

Trabalho com a poesia “As Borboletas” de Vinícius de Moraes e com o poema “A lagarta e a Borboleta” de Vera Ribeiro Guedes.

Rodas de conversa sobre as diferenças entre borboleta e mariposa com uso de recursos visuais.

Atividades de psicomotricidade relacionadas ao assunto, dramatizações e vivências corporais.

Observação do terrário diariamente aliado a oferecer alimentos para as lagartas e diálogos sobre as diferenças observadas.

Registro com fotos e vídeos.

Criação de um blog na internet para compartilhamento das ações com familiares e amigos.

AVALIAÇÃO/DEPOIMENTO DO SUPERVISOR DA ESCOLA DO PROJETO

Coordenadora Pedagógica - Sonia Aparecida de Lima Michelino, RF nº 638.242.8.1:

A professora me relatou que numa roda de conversa ao ar livre com seus alunos, encontraram uma borboleta caída entre as folhas no jardim da escola, e que uma das crianças levantou a hipótese de que a borboleta teria sido mordida pela lagarta. Diante disso, o desafio da professora era explicar a elas a relação que havia entre lagartas e borboletas. O fato de seus alunos estarem na faixa etária de dois a três anos, exigia que ela pensasse em proporcionar uma experiência que fosse mais concreta e ao mesmo tempo significativa. Daí surgiu à idéia de cultivar um terrário de lagartas para observar e acompanhar de perto sua trajetória de vida e seu processo de metamorfose.

Acompanhei desde o início do planejamento a execução do projeto Terrário de Lagartas na Educação Infantil, destaco que ele foi muito inspirador e cativou grande parte dos funcionários da unidade através da iniciativa da professora Angelina, do mini grupo I. As ações desenvolvidas no projeto são

significativas para a concretização no dia a dia do nosso Projeto Político Pedagógico, garantem as nossas crianças as condições favoráveis para a melhoria da qualidade na Educação Infantil e estimula não só as crianças na construção do conhecimento, mas também o protagonismo da educadora.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

Para Além da Alfabetização: Práticas Curriculares Humanizadoras

Unidade Educacional:

CIEJA Sapopemba

Responsáveis:

Themis Florentino dos Santos, Maria Alice Amorim e Francisco Alvanter Beltrão

RESUMO

O Projeto trata sobre o registro da organização curricular nos processos de alfabetização, como construção sociocultural e histórica, para lançar luz sobre as histórias de vida dos educandos, problematizando situações de exclusão, de desigualdades e de indiferença pela diversidade, presentes nos espaços escolares e fora dele, com a finalidade de agregar capital humano ao currículo desenvolvido pela escola, para resgate das identidades e construção das subjetividades.

HISTÓRICO

O CIEJA Sapopemba foi criado pelo Decreto 43.052 em 04/04/2003, na gestão do PT. Situado na Rua Luis Rodrigues Filho, nº 40, no conjunto Mascarenhas de Moraes faz parte da DRE São Mateus. O CIEJA é um Projeto com características próprias, mas compõe a modalidade da EJA da Secretaria Municipal da Educação. Este projeto, por suas concepções pedagógicas e pelas diretrizes que o norteiam, já não mais se baseia em velhos paradigmas educacionais e seus currículos estritamente disciplinares que não mais atendem a população que apresenta outras demandas decorrentes de processos sociais e

culturais mais amplos e diversificados, os quais precisam ser considerados e compreendidos: alunos de bairros periféricos, marcados por contradições e desigualdades e que comportam uma parcela da população com condições bem diferentes de vida, saúde, educação, lazer e trabalho etc que continuam estigmatizados, excluídos de certas vivências próprias da vida urbana e ainda sujeitos a inúmeras formas de violência.

Por estas razões, precisamos nos recriar continuamente, mesmo que muitas vezes isto signifique não mais caminhar em unísono com a sociedade, pois precisamos garantir uma abordagem metodológica que permita um entrelaçamento entre a identidade dos alunos e a forma como ocupam seus espaços de convivência, como se relacionam com o “outro”, com os fatos ao seu redor, como trabalham e se divertem, como absorvem ou não a cultura veiculada pelos diferentes meios de comunicação. Queremos aproximar-nos da identidade dos alunos para favorecer a construção de subjetividades, longe de um prisma paternalista ou gerencial, o que implica considerar que a função da escola não é apenas ensinar conteúdos, nem vincular instrução com aprendizagem, mas principalmente construir sentido e criar condições para que a cultura dos estudantes e de suas comunidades dialogue e interaja com todas as manifestações socioculturais, políticas e econômicas de outros contextos mais amplos daqueles onde estão inseridos.

JUSTIFICATIVA

As escolas detêm hoje um papel mais decisivo do que nunca na formação de pessoas para esta sociedade que se configura como competitiva, tecnológica, egocêntrica e excludente. Portanto, decidimos criar nosso próprio material pedagógico, norteador de uma proposta curricular que aprofunde e (res) signifique o corpo de conhecimento e experiências trazidas pelos jovens a adultos, e que dê conta das demandas de uma população, cujo perfil é delineado pelas diferenças e diversidades. Desenvolver práticas curriculares que estão sendo sintetizadas e registradas em forma de um manual se constitui um grande desafio, pois entendemos que o conhecimento resulta de uma interação entre o sujeito e suas histórias, que são determinantes para suas escolhas e o meio externo, o que significa que a escola precisa trazer para seus espaços tudo que acontece fora dos seus muros: as transformações sociais, os saberes, e a enorme produção de conhecimento que caracteriza esta sociedade atual para dialogar de maneira crítica com sujeitos que chegam à sala de aula repletos de vivências teóricas, explicações e hipóteses.

Porém, é essencial que neste diálogo se respeite a identidade sociocultural e a capacidade de entendimento que cada educando possui do mundo e de si mesmos e se promova situações de aprendizagem que formem um tecido social tramado entre os diferentes conhecimentos trazidos pelos educandos e aqueles gerados por uma sociedade de informação e em constante mudança de forma que os fios se entrelacem e expressem as mais diferentes possibilidades e interpretações.

Este manual nada mais representa que o registro de um conjunto de práticas curriculares cuidadosamente escolhidas e baseadas nas experiências de vida destes educandos, nascidas da interação com o meio familiar, da experiência com o trabalho e dos papéis sociais que estes sujeitos desempenham na sociedade. Consideramos que a escola e seu currículo devem se adaptar aos sujeitos reais e suas experiências de vida com todas as suas contradições e a riqueza da diversidade, pois são estes sujeitos concretos que batem às portas de nossas escolas à procura de garantia do seu direito à educação, ao conhecimento, à cultura e uma participação mais ativa na vida política, econômica e social do seu País. Considerando-se todas estas questões, devem ser eles, os educandos em sua concretude humana, o parâmetro para a organização das nossas práticas curriculares mais humanas e mais civilizatórias.

Não consideramos justo desenvolvermos um projeto de educação com estes sujeitos sociais, distante da realidade em que lhes é dado viver suas existências. O currículo precisa reafirmar o papel da Escola enquanto espaço de manifestação da vivência cultural, enquanto lugar de encontro, de trocas e convivências, com expressão da cultura geral dos diferentes grupos sociais.

Entendemos o potencial que o currículo traz no seu bojo, de tornar os educandos capazes de compreender o papel que devem ter na mudança de suas realidades imediatas e na sociedade em geral, além de ajudá-los a analisar criticamente os elementos socioculturais que participaram de sua formação identitária e de suas subjetividades. Para chegarmos a este entendimento e iniciarmos a construção com os educandos de um material didático mais apropriado, adotamos a investigação e a escuta como ferramenta para a compreensão de identidades e comportamentos dos educandos, que são simultaneamente criadores e criaturas da diversidade presente na escola e na sociedade. Buscamos elencar temáticas que mais se adequassem às realidades locais e aos territórios onde estão inseridos os educandos, considerando: a diversidade social, o reconhecimento das especificidades geracionais com ênfase na cultura juvenil e suas singularidades, no resgate e valorização da

cultura popular, a competência leitora e escritora como instrumento de inserção social, violência, exclusão, condições de vida, de trabalho, preconceito de gênero, de etnia e orientação sexual, religiosidade, cidadania e direitos, justiça social, além das questões relacionadas ao mundo do trabalho e a geração de renda, impactos ambientais e cuidados com a saúde.

A concepção de educação defendida neste manual de suporte de alfabetização se baseia na premissa de que o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem deve estar ligado ao contexto social e histórico dos educandos, que se deve tirar das práticas sociais e das histórias de vida dos educandos e suas realidades próximas à inspiração e exploração de práticas educativas mais significativas, que respeitem suas necessidades e expectativas, que mantenha as portas abertas, tanto à cultura popular quanto à cultura dita erudita. De fato, uma cultura escolar voltada para nossos alunos nos conteúdos e na forma como vamos construir de forma coletiva os conhecimentos.

Construir uma Proposta Pedagógica que discuta diferenças e desigualdades, cultura popular e cultura erudita é trazer para o espaço escolar uma batalha ideológica que põe em xeque muitos valores hoje postulados por esta sociedade e os interesses de uma minoria. É reconhecer, discutir e legitimar a cultura popular, o território onde vivem suas vidas e produzem cultura e acima de tudo abraçar práticas educativas transgressoras, posicionando-se contra diferentes formas de dominação e exclusão, é reconhecer que a educação é de fato um direito social circunscrito no campo dos direitos humanos básicos.

Queremos deixar claro que por ser processo o material didático que estamos produzindo no cotidiano da sala de aula só estará finalizado para uma possível publicação ao término do ano quando encerraremos o desenvolvimento das temáticas propostas. Ele, contudo, nunca poderá ser encerrado, pois deve ser flexível o bastante para adaptar-se a diferentes perfis de alunos, mudanças sociais ou contextos históricos diferentes, contudo poderá nortear práticas educativas significativas, exatamente por manter-se aberto às mudanças, inserções de diferentes linguagens, temáticas, e portadores textuais e midiáticos. É apenas um caminho, entre muitos de estruturar os conhecimentos, tempos e espaços para atender o principal elemento do processo ensino aprendizagem: o educando.

OBJETIVOS

1- GERAIS

- Construir uma proposta curricular crítica, criativa e inovadora, baseada nas histórias de vida dos educandos, respeitando suas identidades sociocultural, valorizando a capacidade de entendimento que cada um possui do mundo e de si mesmo, além de promover situações de aprendizagem que encurtem as distâncias e estabeleçam pontes entre a cultura popular trazida pelos jovens e adultos e a cultura escolar, posicionando a Escola como espaço de debate e socialização da riqueza da nossa diversidade cultural;
- Registrar, sistematicamente, de forma clara e precisa, rica em detalhes, para dar ideia do caminho percorrido durante a construção de uma proposta curricular que tem como elemento central os sujeitos sociais que atendemos e a cultura de seus territórios, cuja experiência no final será transformada em um manual com a finalidade de nortear o trabalho pedagógico da Escola, nos próximos anos.

2 – DA DIREÇÃO

- Possibilitar, dentro do espaço escolar, a discussão do currículo como construção sociocultural e histórica para lançar luz sobre as histórias de vida dos educandos, problematizando situações de exclusão, desigualdade e indiferença pela diversidade cultural presente nos espaços escolares e fora dele, com a finalidade de agregar capital humano ao currículo desenvolvido pela escola e buscar recursos financeiros para garantir a publicação do Manual que está sendo desenvolvido.

3 – DA COORDENAÇÃO

- Organizar atividades durante a formação dos docentes que os levem a entender e a defender as diversas expressões culturais dos educandos como legítimas e questionem as relações de poder que permeiam os processos de produção das identidades e das diferenças;

- Dar suporte técnico e embasamento teórico aos professores do Fundamental I durante todo o processo de criação e de registro das atividades curriculares que estão sendo desenvolvidas e transformadas em um Manual.

4 – DOS DOCENTES

- Desenvolver ações pedagógicas significativas e que realmente expressem e valorizem a riqueza de identidades e diversidade cultural presentes nos espaços escolares e fora dele;
- Desenvolver e registrar atividades curriculares a partir da história de vida dos educandos e de suas práticas culturais usando-as inclusive como eixo organizador do currículo escolar para que as aprendizagens se tornem mais significativas e façam sentido para os educandos.

5 – DOS EDUCANDOS

- Possibilitar aos jovens e adultos estabelecerem conexões entre suas histórias de vida e práticas culturais com os conhecimentos socialmente produzidos e sistematizados ao longo da história da humanidade, levando-os a entender que o contexto social onde estão inseridos não foi necessariamente escolha deles e sim muito mais fruto de ações políticas e sociais;
- Fazer o educando dialogar de maneira crítica com os fatos que ocorrem dentro e fora da Escola no contexto da exclusão e da desigualdade social, posicionando-o nos dois extremos: como sujeito social que discute e entende as origens históricas das desigualdades e como cidadão que sofre e convive com práticas sociais injustas.

TEMAS QUE PERMEIAM AS DIRETRIZES CURRICULARES DO PROJETO

Tendo como foco o contexto socioeconômico e cultural dos educandos, organizamos o currículo e as atividades curriculares em três eixos principais, que se desdobram em vários subtemas:

1- IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL

2 - CIDADANIA, DIREITOS SOCIAIS E QUALIDADE DE VIDA

3 - MUNDO DO TRABALHO E GERAÇÃO DE RENDA

Para concretizar esta proposta ancoramos nossa prática em campos conceituais permeados pelos temas indicados pelos educandos que nos passaram suas ideias, crenças, valores e cultura subjacentes a suas identidades e subjetividades no momento em que fizemos os diagnósticos no início do ano letivo exatamente para levantarmos estes indicadores. Os temas elencados foram: Identidade, Memória, Cultura, Discriminação, Preconceito, Território, Direitos e deveres, Cidadania, Estado e Poder Público, Política Etnia, Gênero, Saúde Pública, Violência doméstica, Economia Solidária, Sustentabilidade, Lazer, Desenvolvimento sustentável e Trabalho e Geração de renda.

RECURSOS HUMANOS

- Comunidade Escolar: Equipe gestora, professores, alunos, Equipe de apoio, Supervisor;
- Comunidade/território dos alunos: todos os espaços de convivência dos educandos governamentais ou não governamentais, Igrejas, Unidades Básicas de Saúde, CAPS, CDHS, Centros de Cultura, territórios frequentados pelos alunos como quadras, praças, academias, e CEUs. Estes espaços participativos ou coletivos podem ser espaços privilegiados para inserção e aprendizado de cidadania, valores democráticos e de convívio com as diferenças.

MATERIAIS E RECURSOS UTILIZADOS

- Levantamento de indicadores através de diferentes instrumentos, que possam desvelar a identidade dos nossos alunos em seus aspectos: cultural, cognitivo, étnicos, físicos, de gênero, familiar, social entre outros. A investigação é o primeiro e mais importante passo para o planejamento das atividades curriculares;

- Investigação sobre a Comunidade onde o aluno está inserido para que se tornem claras as características do território e as relações que nela ocorrem e o impacto sobre a constituição identitária dos educandos;
- Diagnóstico do aluno e de sua comunidade para refletir sobre o que pode ser planejado em razão do perfil dos alunos e das especificidades locais. Proporcionou também condições para compreendermos como ocorrem as exclusões originadas de restrições econômicas, da ausência de atividades culturais e os percursos escolares marcados pelo fracasso;
- Uso de diferentes linguagens e portadores textuais, materiais didáticos variados e todo suporte tecnológico fornecido pelas TICs que possam contextualizar de forma significativa as histórias de vida destes sujeitos sociais e transformá-las em temas a serem estudados.

CRONOGRAMA

Este projeto começou em 05/02/2014, logo no início do ano letivo, quando utilizamos alguns instrumentos para levantar indicadores socioeconômicos e culturais para, baseados nestes dados iniciarmos o planejamento das atividades curriculares. Este processo será encerrado em dezembro, visto que o planejamento e registro das atividades desenvolvidas são semanais e só serão concluídas com o encerramento do ano letivo. Temos intenção de em janeiro de 2015 conseguirmos verba para impressão de no mínimo 100 manuais, cujo título provisório é: “Práticas Curriculares para além da alfabetização”.

METODOLOGIA

Se a intenção é construir um currículo que possibilite que jovens e adultos dialoguem e estabeleçam conexões entre suas histórias de vida e os conhecimentos sistematizados através de práticas curriculares emancipatórias, é natural adotarmos práticas metodológicas que assumam a horizontalização do currículo e rompa com a lógica que hierarquiza o conhecimento. Optamos, portanto, por abordagens que permitam que o encontro entre professores e alunos se transforme em momentos de troca, através de uma relação dialógica, onde ambos trazem suas contribuições para o espaço de discussão, mas com nítida troca de foco, pois são os alunos, seus contextos históricos e suas vivências, os protagonistas do processo de construção curricular.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

- desenvolvimento de atividades curriculares de forma contextualizada, articulando os saberes de cada área de conhecimento com as vivências cotidianas dos educandos e suas histórias de vida com a realidade da escola, às características locais, regionais e mundiais;
- trabalho com temáticas, projetos interdisciplinares e atuação coletiva da comunidade escolar de forma que a proposta curricular desenvolvida não seja uma forma de representação do conhecimento, fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas sim, solução de continuidade;
- práxis baseada no movimento ação-reflexão-ação, levando em conta o que acontece fora dos muros da escola, nas transformações sociais e nos saberes e a enorme produção de informação, que caracteriza a sociedade atual, aprendendo a dialogar de forma crítica com todos estes fenômenos, principalmente com aqueles que fazem parte do seu cotidiano e suas necessidades imediatas.

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1 – LEVANTAMENTO DE INDICADORES

Através da aplicação de diferentes instrumentos, buscamos desvelar a identidade dos nossos alunos em seus aspectos: cultural, étnico, de gênero, familiar, vivências sociais, econômicos e níveis de aprendizagem. A investigação se estendeu também à Comunidade/território de convivência dos alunos para que se tornem claras as características da região e as relações que nela se estabeleceram. Para nós a investigação é a primeira e a mais importante etapa do planejamento, para aprimorar e qualificar o trabalho pedagógico. Os perfis e necessidades delineados fundamentaram a formulação dos objetivos, temáticas, noções, conceitos e valores que mobilizaram as áreas de conhecimento no âmbito de suas teorias e conteúdos, tendo como referência fundamental a identidade dos alunos e suas mais diferentes demandas para a construção coletiva dos conhecimentos.

2 – TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta das informações, os dados foram tabulados e transformados em gráficos para melhor visualização dos indicadores levantados. A análise dos mesmos permitiram que os professores conhecessem o perfil socioeco-

nômico, cultural, necessidades de aprendizagem e demandas dos educandos e da comunidade na qual estão inseridos. Os temas, conteúdos e abordagens metodológicas selecionadas para fazerem parte do currículo da escola foram definidos a partir das necessidades detectadas e das variáveis que estruturam as vivências dos educandos e seus contextos históricos. Desta forma, educandos e educadores se debruçaram sobre aspectos da realidade próxima, para entender e ampliar o universo conhecido, ao mesmo tempo impulsionar as visões para realidades mais vastas. Resgatar as experiências de vida de cada um, conhecer o meio em que vivem e trazer para as discussões questões ligadas as suas realidades tornam os educandos sujeitos e agentes da própria história e participantes da trama social que compõem a cidade de São Paulo onde muitos escolheram viver.

3 – SELEÇÃO DE TEMÁTICAS

Os dados fornecidos pelos indicadores socioeconômico e cultural permitiram também uma seleção mais criteriosa de temáticas e conteúdos a serem desenvolvidos ao longo do ano. Primeiro sintetizamos as necessidades educativas e o resgate das identidades sociais e históricas destes sujeitos em três grandes eixos e depois dividimos em subtemáticas:

A – Identidade e Diversidade cultural.

Identidade, memória, cultura regional, cultura, diversidade, etnia, gênero, relações sociais, territorialidade e resistência, documentos de identidade, pluralidade cultural.

B – Cidadania, Direitos e Qualidade de vida.

Direitos sociais, preconceito, discriminação, direitos trabalhistas, lazer, políticas públicas de reparação, liberdade de expressão, ditadura militar, sustentabilidade, cuidados com a saúde, vulnerabilidade social, violência, sexualidade, drogas, homoafetividade, ECA, Estatuto do idoso.

C – Mundo do Trabalho e Geração de renda

Economia solidária, mercado de trabalho, Código de defesa do consumidor, formação para o mundo do trabalho, currículo, diferentes formas de organização do trabalho e geração de rendas.

4 – ABORDAGEM METODOLÓGICA E RECURSOS TECNOLÓGICOS E MUDIÁTICOS

Definidos os temas e conteúdos a serem trabalhados, a próxima fase foi a escolha das abordagens metodológicas que trouxessem para o centro das discussões os educandos e suas vivências, baseando-se nos perfis e trajetórias de vida destes sujeitos, elementos para alfabetizar e ampliar visões de mundo e um olhar mais crítico da realidade vivenciada pelos educandos em busca de formas de superação ou solução de problemas imediatos, além de orientações específicas para questões enfrentadas no cotidiano. Selecionamos como portadores textuais para discussão das temáticas: músicas, charges, diferentes documentos de identificação dos alunos, festas regionais, provérbios populares, textos coletivos, relatos de experiências, rodas de conversas, tabelas e gráficos com dados retirados do levantamento socioeconômico e dos recursos existentes no Bairro. Em termos de recursos tecnológicos e midiáticos lançaremos mão dos mais variados para alcançarmos os objetivos: Google maps, Google street view, filmes que tragam elementos de vivências dos alunos, fotografias dos alunos e de Sebastião Salgado, propagandas, comerciais, noticiários da TV, folhetos de propaganda de mercado e casas comerciais entre outros.

5 – MAPEAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM DIFERENTES INSTÂNCIAS

A demanda hoje é por articulação de saberes e práticas que estão na escola, na família, nos projetos socioeducativos do território e das cidades. Partimos do princípio de que a vida dos educandos e a vida escolar sejam irrigadas pelas relações com as comunidades. Só desta forma a educação será capaz de reconhecer e valer-se do capital social e cultural que as famílias e as comunidades possuem. A distribuição espacial da população em uma grande metrópole como São Paulo marca desigualdades sociais, gera relações guetificadas nos territórios o que acarreta isolamento social.

Nosso objetivo é mapear serviços de diferentes naturezas e políticas públicas que ampliem os aportes culturais, que fortaleçam a circulação e apropriação pelos educandos da cidade no seu todo, reduzindo as desigualdades sociais, ampliando o seu acesso a todos os bens culturais que a cidade possa oferecer. Neste sentido nossas ações têm se voltado para buscar estratégias para garantia de direitos, proteção e inclusão social para jovens, adolescentes e adultos em situação de pobreza ou de vulnerabilidade social, estabelecendo

parcerias com diferentes Instituições como: PRONATEC, SEBRAE, CRAS, CEDECA, UBS, CAT, APAE, INSS, Jovem aprendiz Delegacia da Mulher, CEUs, Promotoria e Defensoria Pública, diferentes instituições culturais, associações comunitárias, entre outros. Estas parcerias são importantes, pois atenuam déficits de infraestrutura, além do que, atividades pedagógicas desenvolvidas fora da escola ou associada a outras instituições agregam informações, aspectos cognitivos e valores importantes.

6 - REGISTRO DO PROCESSO

O registro do nosso processo de construção de práticas curriculares centradas nos sujeitos sociais em sua concretude está à serviço de diferentes propósitos: documentar, refletir sobre práticas, organizar, aprofundar, além de historicizar processos educativos desafiadores. Através deste registro sistemático de todas as nossas ações pretendemos organizar um manual chamado provisoriamente de “Práticas curriculares para além da Alfabetização”, onde apresentaremos uma série de sequências didática, flexíveis e adaptáveis a diferentes perfis de alunos e situações de aprendizagem, norteadas pelo universo dos educandos e de suas experiências de vida em um processo de construção coletiva de leitura de mundo, revisão crítica das próprias experiências e uma releitura das tensões presentes no cotidiano destes sujeitos sociais. Ao final do ano letivo, organizaremos os registros em forma de um manual, que pretendemos publicar, dependendo dos recursos financeiros que dispormos ou que nos sejam disponibilizados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- através da adoção de processos específicos e significativos durante o desenvolvimento das aprendizagens, possibilitar a construção identitária dos educandos, fazê-los se sentir protagonistas de suas histórias, ressignificar seus conhecimentos e vivências pessoais, descobrir e valorizar diferentes culturas, incluindo as dos grupos a que pertencem de modo que nela possam se expressar e agir, transformando suas realidades imediatas;
- ao desenvolver com os educandos processos e conteúdos formativos, incluir aqueles que possibilitem: o desenvolvimento comunitário e local, a formação política para a cidadania moderna, respostas às exigências crescentes do mundo do trabalho para geração de emprego e renda, participação em atividades culturais de vários grupos sociais incluindo aquelas decorrentes de inovações tecnológicas.

- criar junto com os educandos um novo sentido para os processos de Alfabetização que vá além de “juntar letras”, desenvolvendo novas habilidades, despertando motivações para transformar a si mesmos, interessar-se por questões públicas e intervir na realidade da qual fazem parte.

AVALIAÇÃO

Se a nossa proposta de trabalho propõe a construção de um currículo crítico e participativo, baseado nas histórias de vida dos educandos e no respeito às suas identidades sociocultural e se entendemos que os estudantes aprendem de variadas formas e em tempos nem sempre homogêneos e a partir de diferentes vivências pessoais, a avaliação nesta perspectiva não tem como o foco a forma, mas a prática de um sistema avaliativo que privilegia as aprendizagens, ajudando os educandos a localizarem suas dificuldades e potencialidades.

Adotamos a avaliação formativa, pois ela diz respeito à construção da autonomia por parte dos educandos, na medida em que solicitamos um papel ativo em seu processo de aprender. Ela também é processual, pois acompanha cada passo da construção das aprendizagens, é ela que norteia os avanços e as paradas necessárias. Não a concebemos como algo distinto e apartado do processo ensino e aprendizagem, mas sim como algo inerente aos processos cotidianos, no qual todos os sujeitos estão envolvidos.

Avaliamos a todo instante e usamos uma multiplicidade de instrumentos, porém, temos clareza que a avaliação é uma atividade que envolve também uma legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização, ou seja, ela é marcada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção, da autonomia, da mediação, da participação, da construção, da responsabilidade com o coletivo.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

Trilhando uma educação pública de qualidade para a infância: construindo saberes a partir das vivências com diferentes linguagens e potencializando as dimensões humanas

Unidade Educacional:

CEI Onadyr Marcondes

Responsável:

Joyce Anne Mol Semmler

“É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá. Nenhuma nação se afirma fora dessa louca paixão pelo conhecimento, sem que se aventure, plena de emoção, na reinvenção constante de si mesma, sem que se arrisque criadoramente. Nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, pesquisa, da tecnologia, do ensino. E tudo isso começa com a pré-escola.”
(Paulo Freire).

RESUMO

O CEI Onadyr Marcondes, tem se desafiado a buscar nos últimos anos, o oferecimento de uma educação pública e de qualidade as crianças, caminhando

do para a construção de uma escola humanizadora com vistas ao direito de aprender a partir das experiências vivenciadas e experienciadas, pautadas na escuta, no diálogo, nas relações e na participação democrática de todos.

OBJETIVOS

Esta proposta tem como principal objetivo construir junto a todos os educadores, nos seus diferentes contextos e experiências de vida, práticas significativas, conhecimentos centrados na pedagogia da participação, ou seja, crianças e educadores compartilhando o mesmo protagonismo na construção do saber, respeitando as diferenças, acolhendo as diversidades, favorecendo a socialização e a convivência entre todos a partir de um diálogo permanente com essa prática intencionalmente planejada que amplie sua leitura de mundo e compreenda-o, como objeto de investigação e que proponha diferentes formas de expressão e principalmente proponha e permita que essas linguagens vivenciadas na escola torne-se uma mola que impulse à construção do saber.

DESCRIÇÃO DO PROJETO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Diálogo como processo dialético- problematizador. Ou seja, através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Nessa perspectiva, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo.” (Paulo Freire).

A presente proposta está se desafiando a construir junto aos bebês, crianças, educadores, famílias, comunidades, pautadas em uma pedagogia da participação e do diálogo onde as vozes sejam ouvidas e as ações sejam construídas a partir do coletivo.

É necessário destacar que o diálogo articulado a uma problematização entre uma educação para infância ofertada a partir das vivências com as diferentes linguagens na busca da construção do saber. O diálogo ao qual nos referimos deve provocar aspectos que nos desafiem a pensar diariamente respostas a nossas inquietações.

Segundo Freire, o diálogo deve ser entendido como parte do nosso progresso histórico como caminha para nos tornarmos seres humanos.

Nessa perspectiva o diálogo torna-se uma ferramenta indispensável para refletir a partir do coletivo das ideias, pensar a realidade, os desafios, as reconstruções, as criações e encontros.

Diante de tais desafios, é importante ressaltar que a formação se constitui de um processo reflexivo onde o estudo, a pesquisa e problematização das práticas pedagógicas, aspectos fundamentais na construção do conhecimento científico dos educadores.

Segundo Paulo Freire ninguém nasce educador, a gente se forma como educador permanente, na prática e na reflexão sobre a prática. É apostando nessa fundamentação que advogamos a favor de uma formação investigativa, reflexiva e coerente com a prática e nesse movimento vamos nos formando educadores permanentes, que ressignificam o fazer educativo e que se constituem como seres inacabados.

Os resultados esperados e observados atendem aos propósitos e especificidades do Projeto Político da unidade Educacional, para desconstruir estereótipos e construir aspectos de enfrentamento junto às crianças utilizando das questões discriminatórias: preconceito racial, de gênero e social, vivenciar as diferentes linguagens/expressões no cotidiano escolar.

É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade como dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (Paulo Freire, 1996, p.76-77)

Tendo tais pressupostos como fundantes do trabalho educativo, a análise do contexto sócio histórico e cultural da comunidade, constitui um conhecimento, que consideramos fundamental, e da maior importância, para todos os profissionais do CEI, uma vez que a compreensão aprofundada sobre o mesmo fomenta a ruptura de estereótipos advindos de visões superficiais e preconceituosas relativas à comunidade.

Para qualificar esses conhecimentos, realizamos todos os anos, uma visita à comunidade, com todos os profissionais do CEI, concebidos como educadores, independente das funções desempenhadas. A experiência vivida por todos os educadores, não constitui apenas um exercício de constatação, afinal como nos ensina Freire (1996, p.29): “Pesquisa para constatar, constatando,

intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Pesquisamos, assim, para conhecer a comunidade, suas questões, desafios, problemas, sonhos, pois acreditamos que só dessa forma, podemos qualificar nossa prática educativa, a medida que essa visita nos oferece pistas para fazer dela, algo efetivamente significativo para as crianças e para a comunidade. Assim, estas experiências de integração com a comunidade local sempre corroboram para o anúncio de novos, e necessários, caminhos que considerem e problematize a realidade sócio histórica e cultural das crianças e suas famílias, tendo em vista sua transformação. Diante da realidade que se apresenta, com seus diferentes contextos, notamos a recorrência de contextos, histórias e falas e que evidenciam situações, opiniões e relações marcadas pelo preconceito e pela discriminação.

Quais marcas as relações de desigualdade social, notadamente a racial e a de gênero, traçam na vida das crianças, desde seu nascimento? Como os espaços coletivos de educação, podem constituir-se como espaços de enfrentamento destas questões, trançando caminhos para a promoção da igualdade?

“Conquistar a qualidade social, democrática da Educação implica a escola cumprir sua função social... aprendizagem efetiva, desenvolvimento humano pleno e alegria crítica de cada um e de todos os educandos.”

(Celso Vasconcelos)

Compromissados com a frase de Celso Vasconcelos o Projeto do CEI Onadyr Marcondes assume o desafio de buscar construir uma educação para a Infância que promova o desenvolvimento humano pleno, garantindo a qualidade social da educação para a primeira infância. A construção desse trabalho vem sendo vivenciada a partir da observação, fala da comunidade, no entorno escolar e ainda pelo olhar técnico dos profissionais que aqui trabalham.

Nós profissionais da educação comprometidos com o foco principal da escola que é a aquisição do conhecimento científico vivenciado a partir de uma concepção de educação humanizadora, temos nos desafiado a pensar ações pedagógicas, que de fato, torne se ferramentas de transformação e equidade social. Diante da nossa opção libertadora interessa-nos conhecer os modos de pensar do sujeito, para tal propomos a escuta de todos; crianças, familiares e educadores. A partir dessa escuta construir um currículo que poderá nos apontar para

o que é mais significativo para esta comunidade, facilitando o processo de ampliação de conhecimento de todos envolvidos na ação educativa. Essa história vem sendo vivenciada de forma coletiva, bem como suas conquistas e seus desafios, que persistem ao tempo e as ações.

Esse trabalho coletivo vem sendo construído por muitas mãos, é um pouco da história de cada um, somada a outras histórias e experiências de todos, inclusive para os que chegaram no ano de 2014, vindo ressaltar que o projeto que guia nossa unidade educacional não se trata de um projeto episódico e sim de algo quem vem sendo construído a mais de 9 anos, visando sempre oferecer uma educação pública ,gratuita , laica e de qualidade para a infância da Cidade de São Paulo.

Como sujeitos históricos, vivemos então a responsabilidade e o compromisso de construir uma história conjunta, a favor da consolidação de uma educação infantil digna de todas as crianças, de suas famílias e de seus profissionais. Estas são algumas das questões que alimentam a construção desse trabalho, que nasce da necessidade de construirmos, junto aos bebês e as crianças pequenininhas, conhecimentos sobre o valor das diferenças e a importância do enfrentamento das situações de desigualdade e preconceito que permeiam o contexto sócio, histórico e cultural. Fortalecendo, assim, a compreensão de que as diferenças não constituem marcas de inferioridade. Compreendemos nesse sentido que, a igualdade que defendemos como um direito de todos os seres humanos tem como antônimo a “desigualdade”, contra a qual lutamos.

Quando falamos de um espaço educativo coletivo, que defende o aprendizado construído pelos bebês e crianças pequenininhas, advogamos a favor de uma concepção de educação em que elas são compreendidas como sujeitos de direitos, atores sociais de pouca idade, inseridas em um contexto social que as marcam e as constituem, mas que também são constituídos por elas. Nesse sentido, a concepção de criança, que pauta o trabalho desenvolvido na unidade, busca desconstruir o modelo de criança “universal” e fundamenta-se em uma concepção de criança que tem história e vive em um contexto social que possui particularidades e que é marcado por desigualdades. Assim, a proposta de trabalharmos a promoção da igualdade racial, de gênero e inclusão com crianças pequenininhas é concebida, sobretudo à partir daquilo que observamos diariamente, quando colocamos como princípio uma escuta atenta das “vozes” das crianças que nos revelam um contexto de desigualdades, permeado pela desvalorização das diferenças. A escuta atenta das vozes infantis, não significa apenas constatação. Exige uma ação propositiva, que dialogue

com o contexto histórico, cultural e econômico que envolve as crianças e seus familiares. Sabemos que as crianças não nascem com pré-conceitos, mas tornam-se preconceituosas, a partir de diferentes vivências sociais e culturais, nas quais estão inseridas e onde a discriminação se faz presente.

Nesse processo, de escuta, percebemos que muitas falas eram reveladoras de conteúdos discriminatório e preconceituoso, ou ainda traduziam uma concepção negativa relativa à beleza negra, suas características e também sobre a condição feminina. Essa escuta que inquietou e fomentou a necessidade de construir um trabalho de intervenção, pautado na ideia do respeito e da promoção da igualdade.

Consideramos assim que, essa concepção metodológica pode ser vivenciada por todos que constroem as ações coletivas da unidade, consolidando as concepções que fundamentam o Projeto Político Pedagógico da unidade e considerando a autonomia dos diferentes agrupamentos, para delinear seus percursos, considerando as crianças, seus interesses, curiosidades e inquietações.

Cabe salientar, portanto, que não se trata de “dar aula” para bebês sobre desigualdade racial ou de gênero, mas, sobretudo, pensar nas possibilidades de construir um currículo onde a igualdade seja um princípio balizador das diferentes ações desenvolvidas, garantindo o caráter lúdico, prazeroso, imaginativo, inventivo, próprio da educação infantil, onde o brincar é a forma privilegiada dos pequenos e pequenas conhecerem o mundo.

O fato de que, trata-se de uma ação integrada ao Projeto Político Pedagógico da unidade, que permeia a ação educativa, com a proposta de ressignificar um movimento de reorganização curricular e não meramente um projeto pontual, com um percurso pré-definido, tendo em vista um produto final. Ao contrário, o que se pretende com o mesmo é a construção de ações ininterruptas que possam permear o planejamento de forma integrada com as demais ações que fazem parte da jornada das crianças no CEI. Processo esse que é permanente e, vai sendo aprofundado à medida que dialogamos com a prática educativa e com os diferentes contextos que emergem da jornada educativa junto aos bem pequenininhos. Processo que também não é homogêneo e incorpora a complexidade dos contextos e das pessoas, com suas idas e vindas, mas que é persistente e, igualmente necessário.

Como indica Paulo Freire:

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido tam-

bém que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever [...] (Paulo Freire - Pedagogia da Autonomia) .

PRINCIPAIS AÇÕES REALIZADAS

As ações realizadas permearam os diferentes contextos educativos do CEI , envolvendo a (re) construção do Projeto Pedagógico da unidade, a elaboração de propostas educativas junto aos bebês e as crianças, as Reuniões Pedagógicas, de Conselho de Escola e Associação de Pais e Mestres, a formação continuada dos educadores através do PEA (Projeto Especial de Ação). Nesse sentido, as ações não obedeceram a etapas sequenciais uma vez que muitas dessas ações foram realizadas de forma concomitante, dialogando entre si e se fecundando mutuamente, em um processo dialógico de construção de conhecimento que envolve adultos e crianças, incluindo os bebês.

- **Visita a comunidade:** realizada todos os anos com todos os educadores da unidade e as lideranças comunitárias com vistas a construção do conhecimento o sobre a realidade local, sua cultura, história, problemas, desafios, conquistas , desejos e perspectivas. Tais conhecimentos fundamentam o PPP da unidade.
- **Organização de ações educativas junto aos bebês e as crianças:** Rodas de Histórias para bebês adultos e crianças: rodas encantadoras através das quais as crianças e os bebês interagem com livros e narrativas orais, cujos enredos revelam e valorizam elementos e personagens da cultura e da história africanas e outros que abordam a temática da igualdade de gênero como: Bruna e a Galinha de Angola, Chuva de Manga, Obax, As Gueledes, As panquecas de Mama Panya, Contos Africanos para crianças Brasileiras, Mbira da beira do rio Zambeze, para as questões sobre a igualdade racial. E outros como: Ceci tem Pipi, Faca sem ponta Galinha sem Pé, O menino Nito dentre outros que abordam a temática do gênero. Livros esses que,

ao trabalhar a questão da história, da cultura africana e do gênero permitem a imersão das crianças em um universo cultural pouco explorado no processo educativo, destacando a questão da ancestralidade, do pertencimento cultural e do entendimento de que as diferenças não são sinônimos de direitos desiguais. Cabe ressaltar que também com as famílias, algumas leituras foram compartilhadas nos espaços de encontro e reunião.

- Rodas de música, dança, cirandas e Balé: o CEI conta com um acervo de CDs com ritmos africanos ou de origem africana e instrumentos musicais como: afoxés, kalimbas, agogo, caxixi, ganzá, cabulete, xilindró, bongo, timbá de corda, dentre outros, cuja exploração é muito apreciada pelos bebês e crianças que exploram a musicalidade dos diferentes instrumentos. Acrescenta-se nessas ações a interação das crianças com o jogo da copeira, onde muitas trazem de casa vivências que enriquecem o trabalho do CEI. Nesses contextos que envolvem movimento e dança, todos participam, meninos e meninas, garantindo que o balanço e o gingado dos corpos constituem um prazer de todos. O balé fez parte de um debate de um grupo de crianças a partir de uma afirmação de um menino que disse que “Meninos não dançam balé”. Fato que provou uma pesquisa por parte da turma que assistiu vídeos com grandes bailarinos e participaram de oficinas de dança com uma bailarina da comunidade que organizou um espetáculo com todas as meninas e meninos puderam dançar, para os amigos das demais turmas.
- Projeção de Filmes como: Kiriku I e II, Azur e Asmar, Príncipes e Princesas e episódios da série da Cor da Cultura.
- Trabalho com imagens, espelhos, fotos: ressaltando a beleza de meninas e meninos, mulheres e homens a partir da ruptura do padrão eurocêntrico: branco, magro loiro e de olhos claros. Sabemos que desde bebês as crianças aprendem através das informações transmitidas pelos contextos em que vivem, o que é “bom”, “belo”, “positivo”, “desejado” e/ou “elogiado”. A partir dessas informações, constroem sua visão de mundo e a visão de si mesma, que pode ser positiva se corresponder ao “padrão” ou negativa a medida que se distancia dele. Assim, o trabalho com a diversidade busca olhar a questão sobre outro prisma, referendando os diversos tipos de beleza, valorizando, buscando oportunizar às crianças vivências onde as mesmas possam construir sua identidade de forma positiva.
- Brincadeiras simbólicas e jogos coletivos: em contextos que oportunizam que meninos e meninas, possam explorar e construir diferentes brincadeiras, explorar diferentes brinquedos e participar de jogos sem a segmenta-

ção por gênero. Não há brincadeiras, brinquedos e jogos para meninos e outros meninas. Como crianças, portadora de direitos, todos podem brincar e jogar com o que desejarem, sem discriminação.

- Organização de uma passeata pela comunidade: para além dos muros do CEI, surgiu uma questão que inquietou os educadores: como as crianças poderiam, desde pequenas, construir ações políticas e coletivas de reivindicação de direitos? Dessa questão surgiu a ideia de organizar com as crianças uma passeata pelas ruas da comunidade. Afinal, o desejo de expressar essas ideias e concepções a favor da igualdade, não podia ficar limitado aos muros do CEI. Assim, fomos a ruas, com as crianças (com todas as crianças do CEI, incluindo os bebês) em uma passeata, onde as crianças, sabedoras do sentido social daquele ato político, carregavam marcas que a própria cultura de forma positiva traz: faixas, bandeiras, músicas, instrumentos musicais que chamaram a atenção da comunidade para aquele movimento que tinha como palavras de ordem “Não ao preconceito e a discriminação” e “Bonito é ser diferente”.

As atividades descritas foram realizadas pelos agrupamentos do CEI, respeitando a autonomia docente na construção do planejamento educativo, em articulação com os princípios do Projeto Político Pedagógico da unidade, considerando as particularidades e as trajetórias de aprendizagens de cada agrupamento. Assim, o processo de planejamento docente não é homogêneo, ao contrário, busca nas singularidades das crianças que compõem o agrupamento, em seus interesses, dúvidas e curiosidades, subsídios para planejar ações que sejam realmente significativas para a produção do conhecimento. As ações descritas abaixo foram, dessa forma, vivenciadas em momentos e modos diferentes pelas diversas turmas do CEI, consolidando um pensar sobre a temática, não como um “apêndice” curricular, mas como parte integrante, indissociável e permanente no cotidiano educativo:

- Integração da temática no processo de formação coletiva e permanente e no Projeto Político Pedagógico da unidade: na formação permanente que agrega todos os professores e profissionais do CEI, a temática foi e continua sendo discutida, a fim de fomentar e pautar o trabalho realizado com as crianças e a comunidade. Racismo, Preconceito, Discriminação, Igualdade, Desigualdade, Estereótipos, Cultura e História Africanas e Afro Brasileiras, Branquismo, Gênero, Sexualidade, Sexismo, Pesquisa de matérias (livros, brinquedos, CDs, DVDs, etc...) constituem temas que pautam as discussões nos momentos de formação, que tem sido subsidiado por textos de es-

tudiosos dos assuntos, vídeos e dados da realidade como pesquisas, propagandas, bem a legislação que respalda a importância da construção de um currículo que agregue essas questões desde a mais tenra idade. Compreendemos que se trata de um processo contínuo, que propõe uma integração permanente da temática ao currículo de forma interdisciplinar, implicando na reflexão constante sobre a prática educativa, em diálogo com as pesquisas, estudos e reflexões realizadas. Construímos assim, através do conhecimento, ferramentas de argumentação e de encorajamento para enfrentar as situações de preconceito e discriminação, aprendendo também a reconhecê-las no ambiente educativo e social.

- Debate junto ao Conselho de escola: As famílias e a comunidade tem sido participantes ativos na discussão da temática e de seus encaminhamentos. Por meio de reuniões do Conselho de CEI e encontro com os familiares, temos aprofundado as reflexões a fim de materializar a participação dos familiares enquanto agentes históricos na historicidade local e assim fortalecer e substanciar o debate cumprindo o papel social da educação.
- Mostra cultural: no fim de 2011, a equipe da unidade organizou uma mostra cultural, com o título desse projeto, “Traçando e trançando os laços da igualdade”, que revelou a diversidade dos trabalhos realizados, documentado e revelando as aprendizagens infantis para a comunidade e para as famílias que participaram da Mostra. A Mostra aberta a comunidade constitui um importante espaço de diálogo onde a comunidade pode conhecer um pouco mais do trabalho realizado no CEI.
- Festa em Homenagem a Figura Feminina e Masculina: com o propósito de celebrar a ação de homens e mulheres na sociedade e discutir a importância de lutarmos por direitos iguais. As festas são abertas a comunidade e integram momentos de debate e outros de oficinas, onde crianças e adultos, homens e mulheres podem compartilhar experiências culturais, juntos de forma igualitária, sem diferença de gênero.

AValiação

Nesse percurso descrito, que não se finda, pois não se trata de um projeto pontual e episódico, mas que se transformam à medida que agrega novos desafios, algumas conquistas já se fazem observáveis:

- Superação de algumas visões preconceituosas, em um processo que envolve a revisão do que “aprendemos” nos bancos escolares ou deixamos de aprender e da revisão de alguns valores de cunho preconceituoso e sexista;
- A análise crítica da produção midiática sobre o tema ou o silêncio da mídia sobre ele.
- O aprofundamento das pesquisas em relação a temática e a efetiva integração delas no cotidiano do CEI, nas práticas educativas, no processo de formação permanente, no PPP da unidade e no debate com a comunidade.
- O aprimoramento do olhar e da escuta em relação às situações de preconceito e discriminação com a construção de atitudes de intervenção contra a discriminação e o preconceito, rompendo com a cultura do embranquecimento e com o sexismo.

A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam serem grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

Conceituamos a formação permanente, como uma ação ininterrupta, não episódica ou fragmentada que busca de forma articulada discutir as questões principais do cotidiano educativo, com todos os envolvidos: educadores, pais e familiares. Trata-se de uma opção e ação política, implicada com as concepções que sustentam a prática educativa e que, portanto se contrapõe a qualquer desigualdade que se faça presente no meio sociocultural. Buscando, assim, a construção crítica de instrumentos concretos e simbólicos de enfrentamento e não de “silenciamento” diante delas.

Assim a discussão sobre as questões relativas à igualdade, ao preconceito e ao racismo, permeou e permeiam esses diferentes espaços formativos dentro da proposta metodológica que consideramos coerente com as concepções defendidas. A metodologia que estamos nos desafiando a concretizar junto aos adultos (educadores, famílias e comunidade) e as crianças, incluindo os bebês é a dialógica, pautada no diálogo, na participação e nas relações. Diálogo esse que não é entendido como uma técnica, mas como um espaço imprescindível e fundante do processo educativo, que envolve a escuta do outro, de suas ideias, concepções e visões de mundo. Freire ao discutir os saberes necessários à prática educativa indica que ensinar exige saber escutar, capacidade imprescindível para que o educador compreenda o educando, de modo a falar com ele e não para ele. Sobre o ato de escutar, destaca: [...] é obviamente

algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. (FREIRE, 1996, p. 119)

Bibliografia:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo:

UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – o Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VASCONCELOS, Celso dos S. *Desafio da qualidade da educação: Gestão da sala de aula*.

FARIA A. L. G. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia da Infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 277- 292

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO SÃO PAULO - SME – SÃO PAULO, Janeiro/2014.

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - Educação- 16/07/1990. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Brinquedos e brincadeiras nas creches: Manual de orientação pedagógica/ Ministério da educação*. Secretaria de Educação Básica/ Brasília: MEC/SEB, 2012.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

De Noel a Racionais: música do morro, heranças negras e cultura popular em percurso

Unidade Educacional:

EMEF Victor Civita

Responsáveis:

Amanda Régia Costenaro, Kelly Caroline da Silva Godoi, Nilton Benedito Antunes e Thiago Mena

RESUMO

O projeto foi idealizado no sentido de desenvolver, junto a alunos do Fund. II, um tipo de manifestação artística centrada na música, mas associando imagem e movimento, que contemplasse vertentes das heranças negras assimiladas pela cultura popular brasileira nas expressões estéticas que marcaram o século XX. Culminou com uma apresentação cultural na unidade escolar, em ocasião da semana da consciência negra de 2013.

OBJETIVOS

- Viabilizar uma ampliação do universo cultural dos alunos do Ensino Fundamental II, sem, contudo, desprezar a bagagem que eles certamente já carregam, propiciando uma imersão na história da Música Popular Brasileira, desde os primórdios do Samba, no início do século XX, até os movimentos mais recentes presentes no século XXI, como o Rap e o Funk, pelo viés de suas origens africanas.

- Fomentar entre os alunos o debate e a reflexão acerca das heranças negras assimiladas pela cultura popular, tanto na música quanto nas artes plásticas, no sentido de promover uma compreensão crítica e uma maior valorização das manifestações culturais expressas pelas camadas mais carentes da população, de onde provém grande parte desses alunos.
- Proporcionar aos alunos um contato mais aprofundado com a linguagem musical, sobretudo em seu aspecto mais formal, em que se insere o conhecimento sobre a técnica vocal, a fisiologia da voz, a percepção rítmica e melódica, a prática do canto solo e coral, o domínio do corpo, a postura de palco e os pressupostos para a definição de repertório.
- Apresentar e refletir sobre as imagens dos Artistas Di Cavalcanti e Cândido Portinari no que se refere à importância cultural dos negros, o trabalho braçal, a constituição das comunidades nos morros cariocas e, sobretudo, o preconceito assistido no decorrer da história.

JUSTIFICATIVA

Subsidiar a ampliação do universo cultural dos alunos das escolas públicas, sobretudo aquelas localizadas nas periferias de uma metrópole como São Paulo, afigura-se como uma necessidade evidente, cuja efetivação está a cargo do projeto educacional contemporâneo. Contudo, sabe-se do imperativo pedagógico que coerentemente não nos deixa desprezar a cultura produzida nesses meios e, mais do que isso, impele-nos a fomentar não apenas sua valorização, mas também sua autorreflexão. Este projeto, portanto, visando o desenvolvimento de uma compreensão mais crítica das atuais manifestações estéticas juvenis, propôs um resgate histórico do percurso evolutivo de manifestações correlatas durante o século XX.

DESCRIÇÃO

Para explicitar como essa ideia foi concebida, cabe a retomada de um percurso de experiências vivenciadas anteriormente. A saber, tudo começou com um projeto de musicalização que vinha sendo desenvolvido junto aos alunos desde o ano de 2010. A ideia inicial era trazer a música para a escola, em cumprimento à lei nº 11.679, de 2008, que a coloca como conteúdo curricular obrigatório, a ser ensinado em toda a Educação Básica. Como um dos professores da Unidade Escolar tinha formação técnica em Canto, surgiu a ideia de promover

essa musicalização por meio do Canto Coral. Foi formado então o Coral do Victor Civita, cuja proposta sempre foi familiarizar os alunos com a Música Popular Brasileira. Contudo, o tempo mostrou a possibilidade de ampliação desse projeto, tendo em conta as potencialidades do trabalho interdisciplinar.

A proposta do Coral para o ano de 2013 era cantar músicas que representassem a época de Ouro da Música Popular Brasileira, compreendida entre a década de 1930 e início de 1940, que marca um período fértil na produção do Samba. A ideia foi apresentada para o grupo de professores e durante frequentes reuniões foi pensada a delimitação de uma temática ampla da qual todos os interessados pudessem se apropriar e contribuir com conhecimentos de diversas áreas, para a construção de um projeto mais amplo. Na delimitação dessa temática, levou-se em consideração o conteúdo da Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Para realização do projeto foram utilizados pressupostos da Aprendizagem Baseada em Problemas e da Metodologia de Projetos, sobretudo no que se refere à efetivação do protagonismo do estudante na produção do conhecimento, a fim de se promover um aprofundamento teórico sobre o tema de interesse. A ideia seria, com base nesses estudos, elaborar um projeto de experiência estética, num trabalho conjunto envolvendo professores (de Artes, Educação Física, História, Matemática e Música) e alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental.

Tudo aconteceu de forma muito natural, sem a especificação de etapas muito bem delineadas, apesar de haver um planejamento prévio mais geral. O projeto esteve integrado com o cotidiano educacional e foi sendo construído progressivamente, mediante intensiva colaboração de todos os envolvidos. O planejamento que foi feito a princípio tomou dimensões surpreendentes, o que se mostrou impossível de ser antecipado. E somente agora, no momento da retomada dos escritos, é que se pode ter ideia da importância dos objetivos alcançados. Isso serve para enfatizar a importância do registro no desenvolvimento de um projeto.

O projeto foi desenvolvido no período de março a novembro do ano letivo de 2013. Os momentos para desenvolvimento das atividades foram divididos entre as horas do ensino do Coral (em contraturno), as aulas regulares de Artes, algumas aulas de História e Educação Física, e as aulas de substituição ministradas pelos professores em Complementação de Jornada (CJ). Nessas aulas, os alunos eram convidados a levantar questionamentos acerca da temática da cultura negra e tinham que se organizar coletivamente para pro-

por formas de superação desses questionamentos. Esse processo envolveu a leitura de textos diversos sugeridos tanto pelos professores quanto pelos alunos; a apreciação de filmes e documentários levantados pelos professores, com o intuito de ampliar a visão histórica de fatos marcantes do século XX; a audição e análise de músicas que trazem em potencial as marcas da cultura negra assimiladas pela arte brasileira; a leitura de obras de arte como *Café*, de Cândido Portinari, e obras do artista Di Cavalcanti, contextualizando o lugar do negro nesta sociedade.

No decorrer das aulas de Artes, os alunos trabalharam as imagens do Artista Di Cavalcanti como forma de se apropriarem do repertório e principalmente como o artista interpretou as moradias nos Morros Cariocas. Dessa forma, cada grupo de alunos fez a sua releitura e construiu a frente de uma casa que posteriormente formou o cenário para a apresentação. A intenção era que os alunos se apropriassem do conteúdo artístico e que o cenário não fosse meramente decorativo, mas que tivesse relação íntima com os assuntos apresentados.

Com outro grupo de alunos escolhidos por suas heranças afro-brasileiras, foi apresentada a obra *Café*, de Cândido Portinari, e após a leitura e reflexão crítica da imagem cada aluno desse grupo escolheu um personagem. Durante os encontros, os alunos tiveram contato com atividades de sensibilização, reflexão, posicionamento de cada personagem, caracterização, expressão, gestos, entonação da voz, atitude corporal. A intenção era transformar a imagem estática em performance e permitir que, a partir dos exercícios teatrais, os sentimentos e movimentos subentendidos da obra pudessem ser traduzidos e ganhar a vida fora da tela. Dessa forma, durante os encontros os alunos foram conduzidos a refletir e posicionar-se quanto às suas ações e chegamos à conclusão de que a obra do artista deveria se projetada no fundo do palco e todos os personagens sairiam de diversos pontos da plateia e com gritos e berros cada personagem seria conduzido para seu local de trabalho. Já no palco, os alunos iriam chegar lentamente e se posicionar como a figura do quadro, atentos à posição, gestos e olhares. Aludindo uma situação que nunca deveria se quer ter existido, e que hoje se espera permaneça apenas nas imagens e livros.

Nas aulas de História, ao abordar a questão das relações raciais o professor procurou partir de situações vivenciadas no cotidiano, que ocorrem ao nosso redor, que nos envolvem a todos. Houve uma preocupação em enfatizar a condição humana, os sentimentos, as ideias, as emoções, os afetos, os interesses que favorecem a ideia de hierarquia entre as pessoas, a invenção de grupos humanos “superiores e inferiores”.

Paralelamente, o Coral do Victor Civita permaneceu com os ensaios, ampliando seu repertório, anteriormente focado nos Sambas dos anos 1930, no sentido de incluir músicas que representassem a capacidade da cultura negra se reinventar no decorrer da história do século XX. A concepção do coral também teve de ser alterada, passando-se a privilegiar também os talentos individuais, por meio do Canto Solo, acompanhados sempre por um coro envolvendo todos os alunos. Vale ressaltar que esse, em específico, são alunos participantes do programa Mais Educação e, portanto, disponibilizaram-se a participar de atividades num período fora do horário das aulas regulares.

Após um estudo aprofundado sobre o momento histórico em questão e a escuta do material produzido na época, o repertório foi organizado da seguinte forma:

CANÇÃO	COMPOSITOR	INTERPRETE	ANO DE COMPOSIÇÃO
Uva de Caminhão	Assis Valente	Carmen Miranda	1939
Falsa Baiana	Geraldo Pereira	Roberta Sá	1940
Com que roupa eu vou?	Noel Rosa	Caetano Veloso	1930
Filosofia	Noel Rosa	Chico Buarque	1933
Só vendo que beleza	Henricão e R. de Campos	Maria Bethânia	1942
O X do problema	Noel Rosa	Araci de Almeida	1933
Três Apitos	Noel Rosa	Ney Matogrosso	1933
Se você jurar	Ismael Silva	Francisco Alves	1931
Lua Branca	Chiquinha Gonzaga	Verônica Sabino	1929
Aquarela do Brasil	Ary Barroso	Gal Costa	1939
Olhos Coloridos	Macau	Sandra de Sá	1970
Nego Drama	Edy Rock e Mano Brow	Racionais MC's	2002

AVALIAÇÃO

A avaliação do trabalho foi processual e contemplou a participação dos alunos nos debates, nas aulas práticas e nas apresentações. Os itens avaliados foram: empenho, dedicação, disciplina, comprometimento, determinação e o aproveitamento teórico e prático, tendo em conta as possibilidades e potencialidades de cada aluno em particular. O projeto foi concluído com uma apresentação cultural realizada na unidade escolar, em ocasião da semana da consciência negra de 2013. Os resultados obtidos podem ser apreciados nos vídeos e fotos em anexo. Após essa apresentação, foi proposta uma avaliação coletiva do projeto, na forma de um debate informal, que proporcionou um momento de autorreflexão muito produtivo para o processo de formação desses alunos.

Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2014

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
As diferenças que nos tornam iguais	CEI	Chácara Bela Vista	Ana Rita da Cunha Melo
Comunique-se	CEI	Helena Pereira de Moraes	Regis Alves de Oliveira
Explorando o Mundo Mágico da Literatura Italiana com o Pinóquio	CEI	Missionária Dorothy Stang	Cristina Schmitsler e Maria Amábile Rodrigues da Silva
A literatura infantil em diferentes culturas como ferramenta para qualificar as vivências de aprendizagens das crianças	CEI	Missionária Dorothy Stang	Priscila Midori Aoki
O Desafio	CEI	Missionária Dorothy Stang	Rosana Gonzaga Dobre Batista
Trilhando uma educação pública de qualidade para a infância: construindo saberes a partir das vivências com diferentes linguagens e potencializando as dimensões humanas.	CEI	Onadyr Marcondes	Joyce Anne Mol Semmler
Meio Ambiente e Sustentabilidade	CEI	Pari	Carla dos Santos Pereira Cardoso
Desfralde - Tema: Controle do Esfincter	CEI	Penha	Aparecida Paranhos Mioni Cazorla
Projeto Yoga - Yoga na Educação Infantil. Por que não?	CEI	Penha	Marizilda de Almeida Carlos David
Boneco de pano: Meu corpo humano	CEI	Pinheiros	Maria José Abrão e Angela Maria de Oliveira

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Flores do Meu jardim	CEI	Professora Marielcia Florêncio de Morais	Maria Lucielma Batista de Almeida Souza Neto e Izabel da Silva Figueiredo
Mundo da Imaginação	CEI	Santa Terezinha	Gizele Paiva Sampaio
Reciclagem de Alimentos que vai além do prato	CEI	Sol Nascente	Maria de Fátima Tonus Diniz
Terrário de Lagartas na Educação Infantil	CEI	Vereador Cantídio Nogueira Sampaio	Angelina Costa dos Santos
Ler para uma criança muda sua história - Subprojeto: "Tantas outras histórias"	CEI	Vereador Francisco Marcondes de Oliveira	Rachel Fernandes Pereira de Morais
A Língua Inglesa na Educação Infantil: Uma possibilidade. English Language in the Children Education: a possibility.	CEI	Vereador Homero Domingues da Silva	Maria Cilene Lucas Vieira
Era uma vez... A história da minha vida	CEI	Vereador Joaquim Thomé Filho	Marina Saggio Barbará e Luciana Frez de Moraes
Arte na Escola	CEI	Vila Constança	Maria Elisa Novoa Dobarco Raposeiras
Gentileza gera gentileza	CEI	Vila Nova Cachoeirinha	Gislaine Magalhães Silva Carolino
Identidade "Eu e o meio que vivo"	CEI Indireto	Jocelyne Louise Chamuzeau	Tatiane Melro dos Santos e Ligia Cristina Mendes da Cruz Oliveira
Currículo: Literatura na Educação Infantil	CEU CEI	Jaçanã	Genilde Chagas e Telma Maria dos Santos Leite
Currículo: Diversidade na Educação Infantil	CEU CEI	Jaçanã	Genilde Chagas

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Ensino Modular	CEU EMEF	Jaguare	João Domingos Sampaio
Tecendo Redes	CEU EMEI	Aricanduva	Amanda Gomes Pinto
Materiais não estruturados como recursos pedagógicos	CEU EMEI	Irene Manke Marques	Vander Martins
SAE - Solidariedade Animal na Escola - Uma proposta de Educação Humanitária	CIEJA	Campo Limpo	Severino Batista da Silva
Abram alas para a cultura popular brasileira	CIEJA	Clóvis Caitano Miquelazzo	Meire Regina de Lima
Cultura e Identidade de um Bairro: São Mateus	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Eliana Pereira dos Santos Costa
Guaianases Sustentável preservando nosso líquido mais precioso	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Elizabeth Nunes Oliveira Di Napoli
Lixo: Uma Questão de Educação	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Ana Cristina Romano Batista Costa
Vivências Culturais na EJA	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Luis Carlos Mazzaiolo
Promovendo Inclusão Construindo Cidadania e Autonomia para a Vida	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Elizabeth Nunes Oliveira Di Napoli e Ana Cláudia Rodrigues
Promovendo Cidadania e Solidariedade na Educação de Jovens e Adultos	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Gilberto Tavares Martins
Para Além da Alfabetização: Práticas Curriculares Humanizadoras	CIEJA	Sapopemba	Themis Florentino dos Santos, Maria Alice Amorim e Francisco Alvanter Beltrão
Guaianases: Um resgate às memórias étnicas, culturais e sociais do meu bairro	EMEF	Alexandre de Gusmão	Elisabete Freitas do Nascimento Costa Leão e Karen Cristina da Silva

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Aprendendo com o Pequeno Príncipe	EMEF	Antenor Nascentes	Adenilza Almeida Lira
Relatos de Juventude	EMEF	Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira	André Wagner Rodrigues
Protagonista Discente	EMEF	Coelho Neto	José Valdene Tavares de Oliveira
Rádio Escolar - "Rádio Seilá"	EMEF	Deputado Caio Sérgio Pompeu de Toledo	Josiane Maria Januário
Revitalização da EMEF Deputado Caio Sérgio - "Oficina de Produção Artística"	EMEF	Deputado Caio Sérgio Pompeu de Toledo	Sandra Iziz Marconato Torres
Mais borboletas para as flores do Flôres da Cunha II	EMEF	Deputado Flôres da Cunha	Rosely Marchetti Honório
Rádio JMS 3.0	EMEF	General Júlio Marcondes Salgado	André Jonatas Barbosa
Arte Urbana-Stêncil	EMEF	João Ribeiro de Barros	Josué Quirino de Souza
Leio, logo Escrevo	EMEF	José Bonifácio	Deyse da Silva Sobrino
Repensando as práticas sustentáveis	EMEF	Leonor Mendes de Barros	Vania Sandeville E Derli Bazzuco
Blog do Maurício	EMEF	Maurício Goulart	Andréia Viçoso da Silva
Memória Viva: uma conversa sobre o Nazi-fascismo com Antonio Miranda	EMEF	M'Boi Mirim II	Vilma Aparecida Rodrigues Feliciano
EJA em Movimento	EMEF	Pracinhas da FEB	Edson dos Santos Junior
Para não dizer que não falei de tablet	EMEF	Pracinhas da FEB	Maria Donizete Mota Fernandes

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Entre Rios	EMEF	Professor Antônio Duarte de Almeida	Jussara Strege Costa e Virgínia Jacob
Entre Versos Controversos	EMEF	Professor Aurélio Arrobas Martins	Daniel Carvalho de Almeida
Cerimônia cívica e poética - Cidadania e Qualidade de vida	EMEF	Professor Francisco da Silveira Bueno	Marcos Ferreira da Fonseca
A Roda de Samba e o Sentido - A valorização das expectativas de aprendizagem étnico-raciais	EMEF	Professor Gilmar Taccola	Ana Lucia dos Santos Nascimento
Lar Doce Lar	EMEF	Professor José Francisco Cavalcante	Amélia Andrade Sousa, Jucineide de Souza Bispo e Lídia Diniz dos Santos Sousa
Clube de Xadrez Professora Geny Pussinelli	EMEF	Professora Geny Maria Muniz de Almeida Klein Pussinelli	Marcos Evangelista Borghi e Marcia de Oliveira Pasetto Lebkuchen
A arte de brincar	EMEF	Professora Marisa Moretti Câmara	Adriana Aparecida Borlotti
As mil e uma e outras histórias	EMEF	Tarsila do Amaral	Maria Lucia Simões Valentim e Luís Mário da Conceição
A arte de costurar ideias confeccionando fantasias para a promoção do protagonismo da arte na criança, jovens e adultos	EMEF	Theodomiro Monteiro do Amaral	Audecí Bezerra Patriota
De Noel a Racionais: música do morro, heranças negras e cultura popular em percurso.	EMEF	Victor Civita	Thiago Mena, Amanda Régia Costenaro, Kelly Caroline da Silva Godoi e Nilton Benedito Antunes

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Supermercado	EMEI	Gabriel Prestes	Edna Conceição Monteiro
Diversidade	EMEI	José Bonifácio de Andrada e Silva	Gladis Cassapian Barbosa
África: Contos, Brinquedos e Brincadeiras	EMEI	Júlio Alves Pereira	Alessandra Messias Cardozo
Com os olhos do coração	EMEI	Nair Correa Buarque	Fernanda Pirri Camargo
ECO escola - comunidade Jornal Impresso	EMEI	Princesa Isabel	Maria Fernanada Carbonari Bacos e Denise Figueiredo
A História das Histórias	EMEI	Princesa Isabel	Maria Fernanada Carbonari Bacos
Projeto Ciência: Uma Forma de Pensar e Conhecer o Mundo	EMEI	Professor Tito Livio Ferreira	Caroline Ancelmo de Souza
Portfólios Virtuais nas Reuniões de Pais e Mestres	EMEI	Professora Lourdes Heredia Mello	Sandra Placoná Ferreira
Educação ambiental, atividades físicas e leitura: fatores de qualidade de vida	EMEI	Professora Olandya Peres Ribeiro	Fátima Aparecida de Jesus Teixeira Rizzo, Wagna Aparecida P. D. Nalini e Andrea Regina de Carvalho Casanova
Arte: a bola da vez	EMEI	Ronaldo Porto Macedo	Edcléia Aparecida Tomko e Cleide Maria Ribeiro Capeli
Semeando Oportunidades	EMEI	Tomás Galhardo	Edgard Ferreira Junior



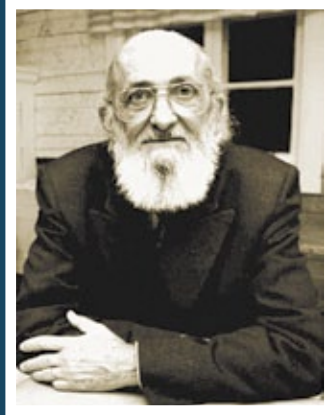
**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP
www.camara.sp.gov.br

Organização: Equipe de Eventos - CCI.1

Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3

Impressão: Equipe de Gráfica da CMSP - SGA.32



“A educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos”

Paulo Freire, do livro: A Educação na Cidade

Informações:

Equipe de Eventos - CCI.1
Viaduto Jacareí, 100 - 3º andar
Sala 321 - Bela Vista - SP
Telefones: 3396-4239 / 3396-4667
E-mail: eventos@camara.sp.gov.br

APOIO:



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

